



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Fernanda Costa de Pontes

DRE: 117230798

REPARAR OS FINS

ESCOLA DE BELAS ARTES | CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

Rio de Janeiro

2024

REPARAR OS FINS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Setor Pintura, Dep. De Artes Base da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de Graduação em Pintura, como requisito para a obtenção do título Bacharel em Pintura.

Orientador: Julio Ferreira Sekiguchi

2024

CIP - Catalogação na Publicação

P814r Pontes, Fernanda Costa de
Reparar os Fins / Fernanda Costa de Pontes. --
Rio de Janeiro, 2024.
110 f.

Orientador: Julio Ferreira Sekiguchi.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2024.

1. pintura. 2. fim dos tempos. 3. recorte
fotográfico. 4. onírico. 5. nostalgia. I. Sekiguchi,
Julio Ferreira, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA / DEP. BAB

REPARAR OS FINS

Nome: Fernanda Costa de Pontes

DRE: 117230748

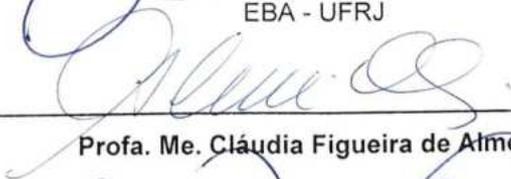
O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema *Phanteon* da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação *online*. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovado com grau 10 em: 4, 4, 2024

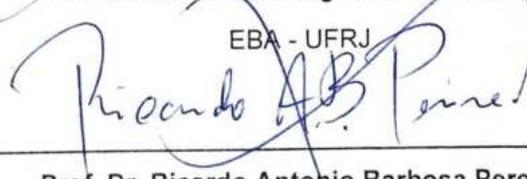
Local: _____



Prof. Dr. Julio Ferreira Sekiguchi – Orientador
EBA - UFRJ



Profa. Me. Cláudia Figueira de Almeida
EBA - UFRJ



Prof. Dr. Ricardo Antonio Barbosa Pereira
EBA - UFRJ

*“Ah! que a tarefa de narrar é dura
essa selva selvagem, rude e forte,
que volve o medo à mente que a figura.”*

(Dante Alighieri)

Agradecimentos:

Meus pais, Stela Maris e Helio, meus sogros Miriam e Ivanildo, meus irmãos, Fábio e Felipe, minha tia Emília, meus primos Wada e Aruanna. Nem tenho palavras pra descrever o quanto eu sou grata por todo o apoio de vocês na minha vida. Amo todos vocês. Que privilégio poder chamar vocês de família.

Minhas metades Glaucia de Moraes e Simone Guide, que mesmo com a distância, estão sempre, sempre comigo. Obrigada por anos de conversas, EMOções e abraços apertados nos nossos encontros. Todo o tempo do mundo não seria suficiente pra ficar com vocês. *Until the end of everything*.

Toda a turma de 2017.2, em especial Amandinha Moreira, Jorge Jota Frost, Lucas Santos o brabo, Camilinha Albuquerque, Luiz Eduardo Fileto, Ana Beatriz Bibi Brenha, Clarinha Bakker, Ray Damasceno e Iolanda Lima. Muito obrigada pela companhia, trocas de experiências e afetos durante esse momento que foi um dos melhores da minha vida. Sempre que eu comer um bolinho de cenoura com chá verde, pensarei em vocês com carinho. E toda vez que eu ouvir "Vamo jogar uma partidinha de Resistance?", eu imediatamente lembrarei de vocês, seus falsos.

Aos mestres: Mirela Luz, Cláudia Lyrio, Ricardo Pereira, Aurélio Nery, Fred Carvalho, Pedro Sanchez e Ricardo Newton (*in memoriam*). Muito obrigada pelos conhecimentos passados, pelas conversas e confiança no que eu produzi quando muitas vezes eu estava odiando tudo. Vocês foram essenciais no processo de construção das minhas habilidades e conhecimentos artísticos. Gratidão eterna por ter conhecido todos vocês.

Meu orientador Julio Sekiguchi por tudo, mas principalmente por me manter com os pés no chão com relação aos um milhão de temas que eu queria trazer neste trabalho.

E por último, mas com certeza não menos importante, Fábio Barbosa, momochan, meu Virgílio, minha Beatriz, meu Sete-Sóis. Dizer eu te amo nem dá mais conta do que eu sinto por você. Muito obrigada por fazer essa caminhada pelo fim do mundo comigo. Não existe outra pessoa mais apropriada para isso.

RESUMO: O presente trabalho aborda a experiência de um evento indeterminado que alterou a vida natural que conhecíamos e a normalidade do nosso cotidiano. Poeticamente, percorremos breves recortes de como a humanidade a princípio ignora esse evento, mas aos poucos encara o “novo normal”, segue em frente em um mundo desnorteante e posteriormente, deixa rastros de sua presença para trás enquanto a natureza se reergue.

Palavras-chave: Pintura, Têmpera Acrílica, Fim dos tempos, Recorte fotográfico, Nostalgia, Isolamento, Inércia, Horizonte, Apocalíptico, Onírico, Resistência, Permanência, Lembranças, Rastros, Reconquista.

ABSTRACT: The work presented here addresses the experience of an indeterminate event which altered the natural life we use to know and the normality of our day-to-day life. Poetically, we go through brief snippets of how the humanity at first ignores said event, but eventually faces the “new normal”, moves along in a bewildering world and subsequently, leaves traces of their presence behind while nature recovers itself.

Keywords: Painting, Acrylic Painting, The end of times, Cropped Photographic, Nostalgia, Isolation, Inertia, Horizon, Apocalyptic, Oniric, Resistance, Permanence, Memories, Traces, Reconquest.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1. Dos bonecos de palito à jornada do astronauta	12
1.2. Das selfies e cacos de vidro ao isolamento	22
2. A SÉRIE	36
2.1. Termos, teorias e referências artísticas	36
2.2. Ato 1: O casulo.....	43
2.3. Ato 2: O fim já chegou.....	56
2.4. Ato 3: A humanidade esteve aqui	76
3. CONCLUSÃO: Reparar os fins.....	87
4. A EXPOSIÇÃO	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110

LISTA DE IMAGENS

Img 1: exemplos de pinturas finais em Criação Pictórica 1 (ost) e 2 (óleo s/ kraft).....	13
Img 2: páginas de estudos para o primeiro quadro da série do astronauta.....	14
Img 3: páginas de <i>brainstorm</i> para a série do astronauta.....	15
Img 4: páginas de estudos para o segundo quadro da série do astronauta.....	16
Img 5: páginas de estudos para o terceiro quadro da série do astronauta.....	17
Img 6: série do astronauta. Da esquerda pra direita, sentido anti horário, 1, 2, 3, 4. 60x80cm.....	18
Img 7: páginas de estudos para o último quadro da série do astronauta.....	20
Img 8: parte da turma de Pintura 2 no último dia de aula (2019.1).....	21
Img 9: série “Claramente são atores”. Acrílica s/ kraft A3.....	22
Img 10: noite de abertura da exposição Orientações no Centro Cultural dos Correios (2019).....	23
Img 11: “E minha alma partiu-se”, acrílica, espelho quebrado s/ tela, 48 x 77 cm. 2019.....	25
Img 12: meu espaço de trabalho durante a pandemia.....	27
Img 13: uma das fotos de referência utilizadas.....	28
Img 14 e 15: cartas de tarô antigo e cartas de baralho antigo, respectivamente.....	29
Img 16: o processo.....	30
Img 17: <i>Agon</i> . Acrílica, pastel oleoso, linha de bordado s/ kraft, 90 x 1,40 cm. 2021.	31
Img 18: detalhes em pastel oleoso.....	32
Img 19: detalhes em pastel oleoso.....	33
Img 20: aplicação da linha física.....	34
Img 21: “La Femme à l’ombrelle – Madame Monet et son fills”. OST, Claude Monet. 1875.....	39
Img 22: “Lo que el agua me dio”. OST, Frida Kahlo. 1938.....	40
Img 23: “Room in Brooklyn”. OST, Edward Hopper. 1932.....	41

Img 24: “A place where a garden never grows”. OST, Marlon Amaro. 2022.....	42
Img 25: “Pausa”. OST, 20 x 30 cm. 2022.....	44
Img 26: trabalho em progresso (“Pausa”).....	45
Img 27: “Busca”. Acrílica s/ tela, 36 x 48 cm. 2021.....	46
Img 28: “Desvio”. Acrílica s/ madeira, 30 x 40 cm. 2023.....	47
Img 29: trabalho em progresso (“Desvio”).....	48
Img 30: “Contato”. Acrílica s/ madeira, 40 x 60 cm. 2021.....	49
Img 31: trabalho em progresso (“Contato”).....	50
Img 32 : “03:03”. Acrílica s/ tela, 60 x 70 cm. 2021.....	51
Img 33: trabalho em progresso (“03:03”).....	52
Img 34: “Aporía”. Acrílica s/ tela, 30 x 40 cm. 2023.....	53
Img 35: trabalho em progresso (“Aporía”).....	54
Img 36: “Minutos para Meia Noite”. Acrílica s/ tela, 30 x 40 cm. 2022.....	58
Img 37: trabalho em progresso (“Minutos para Meia Noite”).....	59
Img 38: “Muralha Maria”. Acrílica s/ Eucatex, 60 x 80 cm. 2023.....	60
Img 39: detalhe do trabalho em progresso (“Muralha Maria”) com as pipas feitas a lápis de cor aquarelável.....	61
Img 40: “Ode ao Passado”. Acrílica s/ madeira, 30 x 40 cm. 2022.....	62
Img 41: “Ode ao Futuro”. Acrílica s/ madeira, 30 x 40 cm. 2022.....	63
Img 42: trabalho em progresso (“Ode ao futuro”) e o fundo antes de ser alterado.....	64
Img 43: “Ode ao Presente”. Acrílica s/ madeira, 30 x 40 cm. 2023.....	65
Img 44: trabalho em progresso (“Ode ao Presente”).....	67
Img 45: “Ode ao Esquecimento”. Acrílica s/ madeira, 30 x 40 cm. 2023.....	68
Img 46: primeira tentativa de “Ode ao esquecimento”.....	69
Img 47: a paisagem sem nenhum elemento extra.....	70
Img 48: “Estudo para o Esquecimento”. Acrílica s/ tela, 16 x 20 cm. 2023.....	71
Img 49: páginas de estudo sobre o aviãozinho de papel, 2023.....	72

Img 50: “Ode à Memória”. Acrílica s/ madeira, 30 x 40 cm. 2023.....	73
Img 51: o Chevette do meu pai, carinhosamente apelidado de “gema de ovo”.....	74
Img 52: “A humanidade esteve aqui: telefonia”. Acrílica s/ tela, 60 x 90 cm. 2023.....	78
Img 53: “Plantão ao vivo”. Carcaça plástica de tv, tinta acrílica e Espada de Santa Bárbara. 2022.....	79
Img 54: “A Humanidade esteve aqui: periódico”. Acrílica s/ tela, 60 x 90 cm. 2023.....	81
Img 55: “A Humanidade esteve aqui: espiritualidade”. Acrílica s/ tela, 60 x 90 cm. 2023.....	83
Img 56: trabalho em progresso (“A Humanidade esteve aqui: espiritualidade”).....	84
Img 57: convite do evento.....	89
Img 58: estudos para os quadros “Ode ao Esquecimento” e “A Humanidade esteve aqui: periódico”.....	90
Img 59: estudos em xilogravura e bico de pena.....	91
Img 60: caderno utilizado para mapear a paleta que utilizei nos três atos.....	92
Img 61: as duas impressões dos quadros expostos na Bienal da EBA.....	93
Img 62: destrinchando meus cadernos de estudo para montagem nos displays.....	94
Img 63: primeiro dia de montagem 03/01/2024.....	95
Img 64: primeiro dia de montagem 03/01/2024.....	96
Img 65: segundo dia de montagem 04/01/2024.....	97
Img 66: segundo dia de montagem: Fábio, Cláudia e Felipe 04/01/2024.....	98
Img 67: a parede da esquerda com folhas dos meus cadernos de estudos.....	99
Img 68: paredes central e da direita com os quadros do primeiro e segundo atos.....	99
Img 69: obras do ato 3 na parede paralela à entrada.....	100
Img 70: display com os livros de poesia que me inspiraram e o texto da exposição.....	101
Img 71: <i>close up</i> do texto para a exposição.....	102
Img 72: vista do lado de fora da porta de entrada - Galeria Ismael Nery.....	102
Img 73: dia da abertura 05/01/2024.....	104

Img 74: Professora Cláudia Lyrio.....	105
Img 75: amigos e familiares no dia de abertura.....	106
Img 76: amigas do atelier: Rayane, Clarinha, Iolanda.....	106
Img 77: debates.....	107
Img 78: debates 2.....	108
Img 79: minha família, da esquerda: Felipe, Laura, Fábio, eu, Stela Maris, Fábio, Helio.....	109

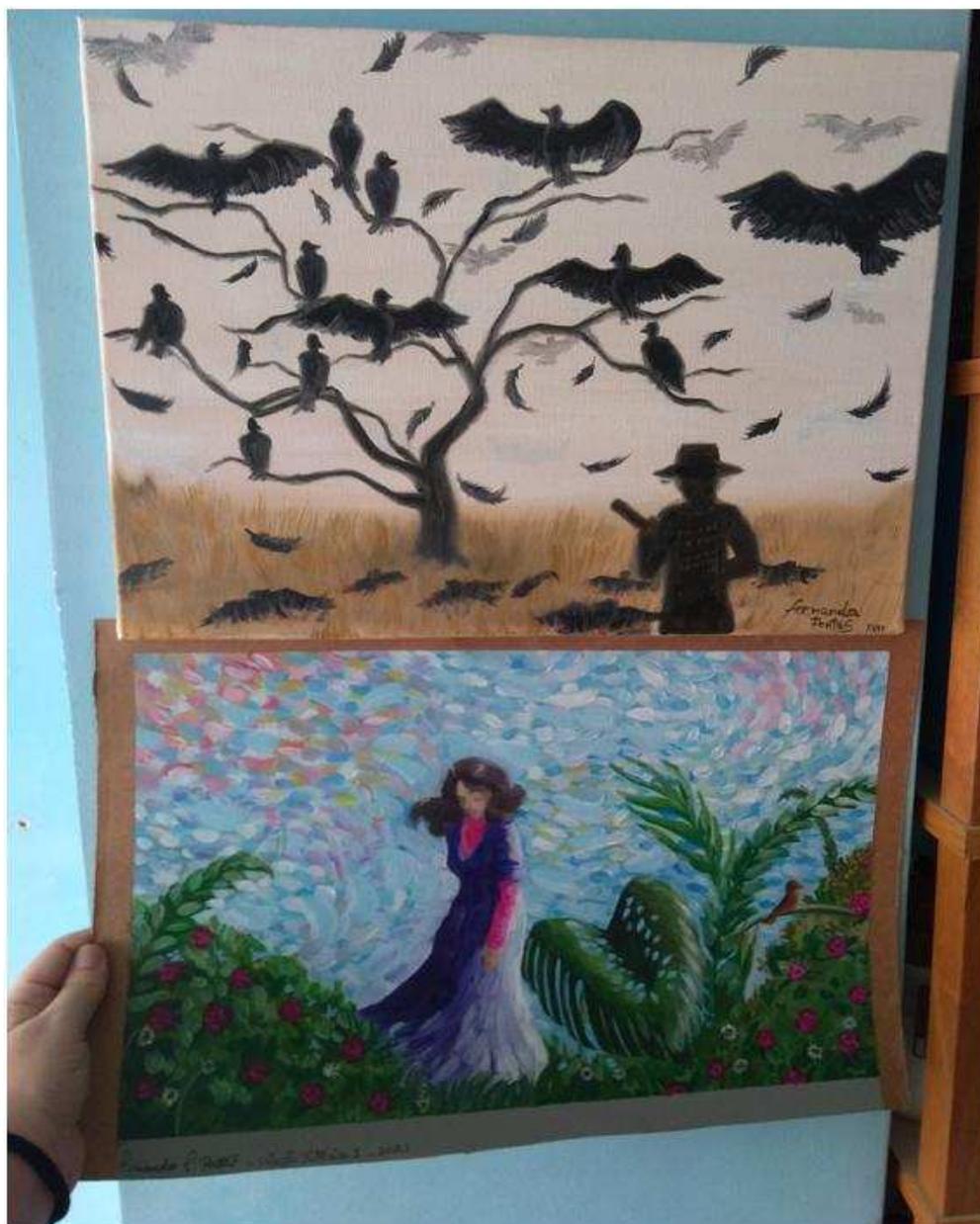
1. INTRODUÇÃO

1.1. Dos bonecos de palito à jornada do astronauta

A minha jornada artística começou quando eu era pequena, lá pelos meus oito ou dez anos de idade. Sentada no chão do meu quarto, com uma prancheta no colo e um bloco de *chamequinho* do meu lado, eu desenhava bonecos de palito e recontava histórias que vivia na escola rígida de formação católica (como quando meu time de vôlei perdeu no campeonato porque eu, durante uma crise de riso, me segurei na rede, ou quando fiquei presa dentro do laboratório porque um vento sobrenatural soprou e bateu a porta, me trancando sozinha), com cada folha sulfite sendo um painel e um pedaço do diálogo diferente entre os personagens. As histórias funcionavam como um diário das coisas mais incomuns que aconteciam no meu dia a dia na escola, que eram muitos, graças aos meus amiguinhos atentados. Algum tempo depois, na mesma época, me deparei com desenhos japoneses na tv e instantaneamente fiquei encantada. Fui adicionando carne e roupas mágicas aos bonecos de palito que fazia. A narrativa mudou drasticamente (de jogos de vôlei na escola a batalhas épicas contra vilões mágicos), porém o processo de criar histórias onde cada página era uma cena diferente continuou por muito tempo, e a adolescência foi o ápice dessa jornada. Acelerando o tempo até o começo da minha vida adulta (e depois de uma graduação abandonada em Letras Português/Latim), tomei coragem para perseguir uma graduação que tivesse mais conexão com o que eu realmente gosto e entrei finalmente em Pintura. E durante toda a minha jornada na Escola de Belas Artes eu tive certa resistência a pensar em poética ou série artística, e pensando nisso agora, com certeza ainda eram resquícios do meu início artístico. Muitos professores me puxaram a orelha com relação a esse detalhe, mas era mais forte do que eu não ter interesse em produzir séries. A questão me deixava impaciente e entediada. Sempre me interessava mais fazer quadros únicos que não tinham absolutamente nada a ver com o próximo, ou experimentar materiais e ferramentas diferentes ao fazer as pinturas. Porém, tive que tentar fazer algo parecido a uma produção de série em algum momento.

Tentarei resumir minha jornada artística da graduação nas próximas páginas. Acredito que todas as experiências foram valiosas e válidas (apesar de

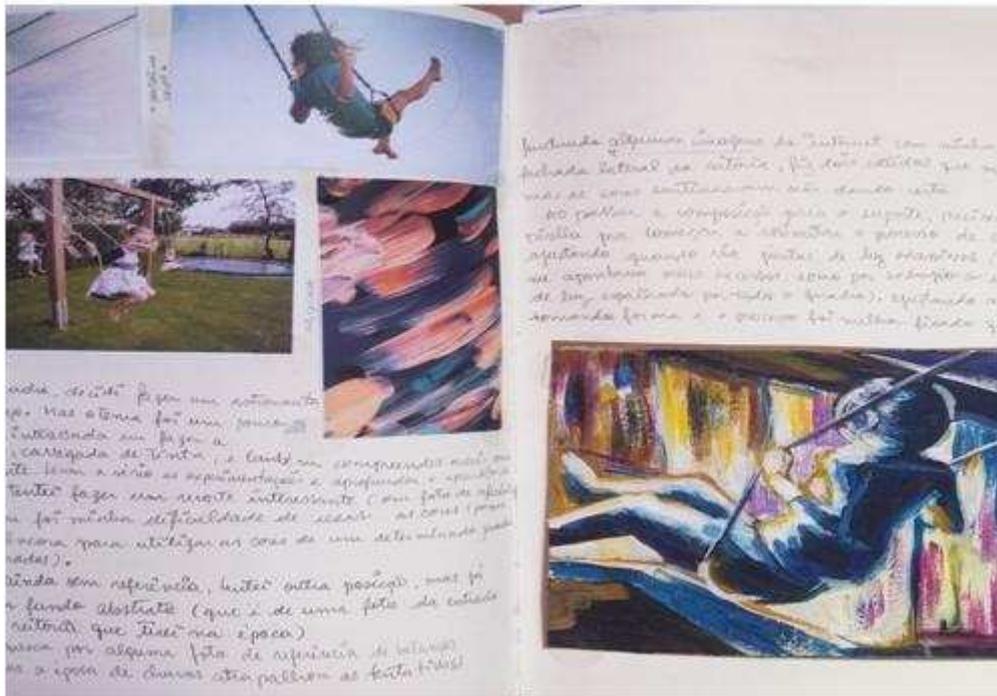
algumas situações que não valem a pena mencionar), e sou grata a tudo que ocorreu desde 2017 (menos o stress político do ano seguinte que quase me custou a visão, mas enfim). A Escola de Belas Artes foi a melhor coisa que me aconteceu, sem sombra de dúvida.



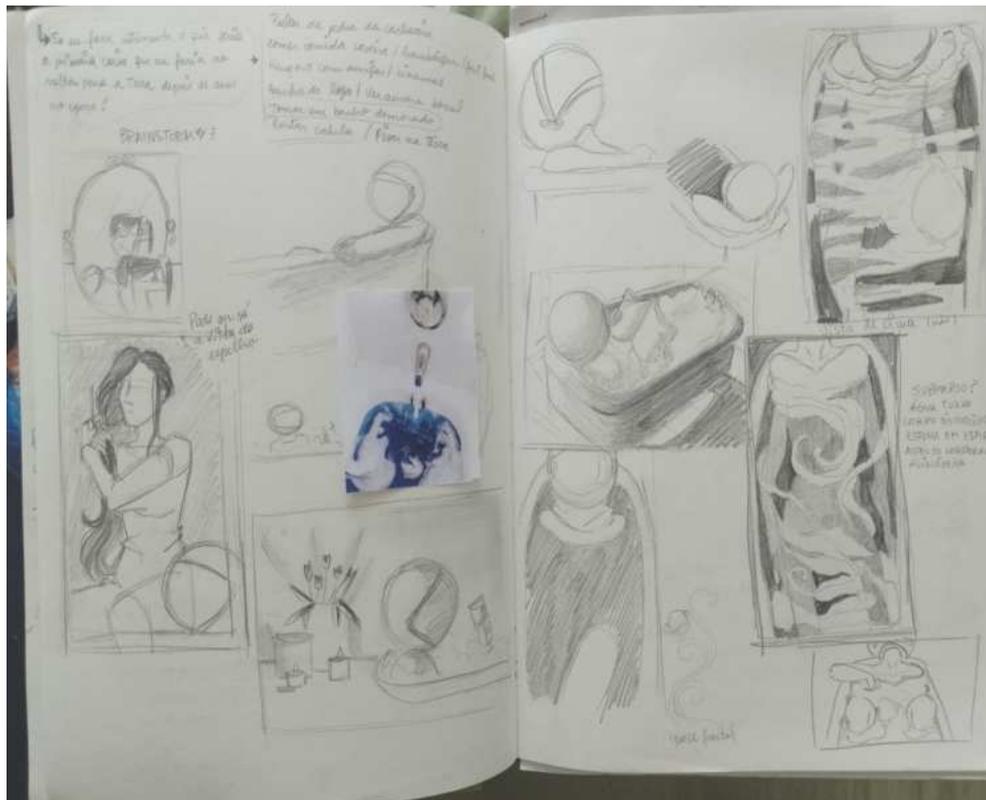
Img 1: exemplos de pinturas finais em criação pictórica 1 (ost) e 2 (óleo s/ kraft).

A primeira vez que fiz algo semelhante a uma série pensada realmente foi em Pintura 2, com a (na época) professora Mirela Luz pacientemente me fazendo as perguntas que eu não sabia responder e trazendo provocações certas com relação às minhas escolhas artísticas. A princípio eu queria apenas continuar explorando diferentes técnicas, texturas, pinceladas carregadas e construção de

composições utilizando relação de cores. Logo descobri que toda a exploração da técnica que eu planejava fazer não excluía de jeito nenhum a exploração poética, então logo depois que terminei o primeiro quadro me surgiu a ideia da série. E assim se iniciou a jornada pictórica de um astronauta voltando a fazer coisas mundanas ao retornar para a Terra depois de bastante tempo isolado no espaço.



Img 2: páginas de estudos para o primeiro quadro da série do astronauta.



Img 3: páginas de *brainstorm* para a série do astronauta.



Img 5: páginas de estudos para o terceiro quadro da série do astronauta.

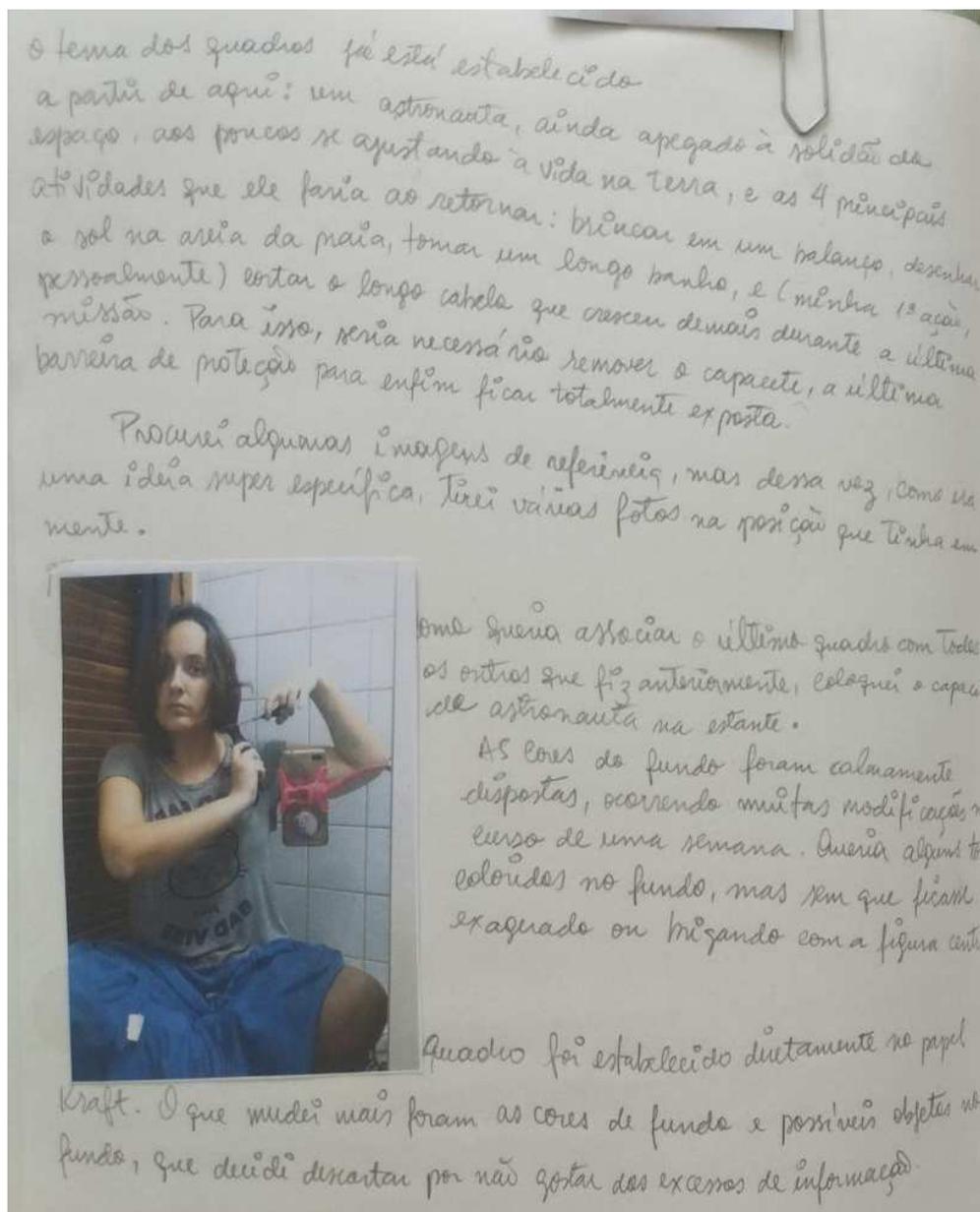


Img 6: série do astronauta. Da esquerda pra direita, sentido anti-horário, 1, 2, 3, 4. 60x80cm.

Produzi 4 quadros (que era a proposta da matéria), todos apenas em acrílica. Na adolescência, com uns 15 anos, minha mãe me matriculou em um curso livre de pintura (para aliviar meu stress) e tive meu primeiro contato com tinta à óleo. Então eu era familiarizada com o lento processo da técnica, e era o que eu achava que todas as tintas tinham em comum. Quando enfim tive contato com acrílica, em Criação Pictórica 1 e 2, eu odiei cada segundo, porém foi uma técnica que me intrigou muito. O fato dela secar rápido me fez ser muito mais consciente do momento de pintar, me impedindo de procrastinar no momento que as tintas estão fora dos potes e tubos. No momento em que a tinta é adicionada na paleta,

não há mais muito espaço para hesitação ou espera. Como eu queria entender como a técnica funcionava (e talvez utilizar com mais frequência), me submeti a utilizar apenas acrílica durante todo esse período. Depois de *muita* briga e discussão comigo mesma e com a própria técnica durante o período, lentamente fui compreendendo todo o processo e agora é minha técnica principal e temos um relacionamento muito saudável.

O título original das obras era “autorretrato espacial”, mas alguns professores me chamaram a atenção de ~~que não era um bom título~~ e que só o último poderia ser considerado um autorretrato, então resolvi só chamar carinhosamente de “Série do Astronauta”. Nessa época, eu ainda não utilizava fotos autorais como referência, e para isso eu recorria a bancos de imagens de arquivo disponíveis na internet. Para o terceiro quadro (o da banheira) eu não utilizei nenhuma imagem de referência diretamente. Mas para o último quadro, como era uma imagem bem específica, não consegui encontrar uma imagem que encapsulasse o que eu queria passar, então pela primeira vez, fui minha própria modelo de referência. E a partir daí, comecei a utilizar em sua grande maioria, apenas fotos autorais.



Img 7: páginas de estudos para o último quadro da série do astronauta.

Ainda sobre Pintura 2, a matéria tinha como proposta trabalharmos com cores específicas no fundo do suporte (sombra queimada, amarelo ocre, laranja de cádmio e uma quarta cor à escolha do aluno), e notar como as cores da imprimadura alteram a temperatura das cores que aplicamos na superfície pictórica. Foi uma experiência incrivelmente difícil de, ao mesmo tempo, domar as temperaturas diferentes do fundo, domar a técnica em si e também domar minha própria resistência a produzir uma série. Mas me atrevo a dizer que esse período foi o meu favorito. Me irritei muito, chorei de frustração, tive inúmeras crises de dor de cabeça mas principalmente me diverti muito com todas as dificuldades e

descobertas, tanto na produção quanto no dia a dia de convivência com a turma do atelier.



Img 8: parte da turma de pintura 2 no último dia de aula (2019.1).

1.2. Das selfies e cacos de vidro ao isolamento

Logo depois que o período de Pintura 2 terminou, foi publicada uma chamada aberta para os alunos de pintura que gostariam de participar de uma exposição coletiva (junto com o curso de gravura) no Centro Cultural dos Correios chamada *Orientações*. Durante as férias entre os períodos (duas semanas, mais ou menos), produzi quatro pinturas para essa exposição. Foram retratos de pessoas próximas a mim, apontando seus celulares para um espelho e tirando uma selfie. Escolhi uma abordagem mais naturalista, ainda me inspirando no autorretrato que fiz na série do astronauta. Era uma oportunidade de continuar praticando com a acrílica, só que dessa vez no papel kraft. E me apaixonei de novo, só que dessa vez por um suporte.



Img 9: série “Claramente são atores”, acrílica s/ kraft A3.

Como o foco eram os retratos, fiz o fundo parcialmente com aplicação de tinta acrílica com espátula sobre papel kraft, com a utilização de linhas retas e curvas como elemento adicional, deixando sempre uma boa parte do fundo do papel aparecendo. Dois com uma divisão mais geométrica e dois com formato mais orgânico. A ideia era expor os quatro em uma sequência que os conectassem, porém infelizmente por motivos de espaço, (o que não havia sido comunicado claramente de antemão aos artistas), um só seria escolhido para ser exposto.

No geral, foi uma boa e de certa forma caótica experiência, pelo curto espaço de tempo para a produção.



Img 10: noite de abertura da exposição Orientações no Centro Cultural dos Correios (2019).

Nos períodos seguintes, o meu lado experimental sempre conseguiu vencer, mas consegui produzir pelo menos uma boa obra a cada período. Em Pintura 3 (graças às abordagens mais ousadas do querido professor Aurélio) foi quando fiz o

meu favorito do período, utilizando tinta spray cintilante para o fundo, tinta acrílica e espelho quebrado para compor o “E minha alma partiu-se”, que é um trecho de um poema chamado “Apontamento”, de Álvaro de Campos (Fernando Pessoa), fazendo homenagem às minhas origens na Faculdade de Letras:

APONTAMENTO

A minha alma partiu-se como um vaso vazio.

Caiu pela escada excessivamente abaixo.

Caiu das mãos da criada descuidada.

Caiu, fez-se em mais pedaços do que havia loiça no vaso.

Asneira? Impossível? Sei lá!

Tenho mais sensações do que tinha quando me sentia eu.

Sou um espalhamento de cacos sobre um capacho por sacudir.

Fiz barulho na queda como um vaso que se partia.

Os deuses que há debruçam-se do parapeito da escada.

E fitam os cacos que a criada deles fez de mim.

Não se zanguem com ela.

São tolerantes com ela.

O que era eu um vaso vazio?

Olham os cacos absurdamente conscientes,

Mas conscientes de si mesmos, não conscientes deles.

Olham e sorriem.

Sorriem tolerantes à criada involuntária.

Alastra a grande escadaria atapetada de estrelas.

Um caco brilha, virado do exterior lustroso, entre os astros.

A minha obra? A minha alma principal? A minha vida?

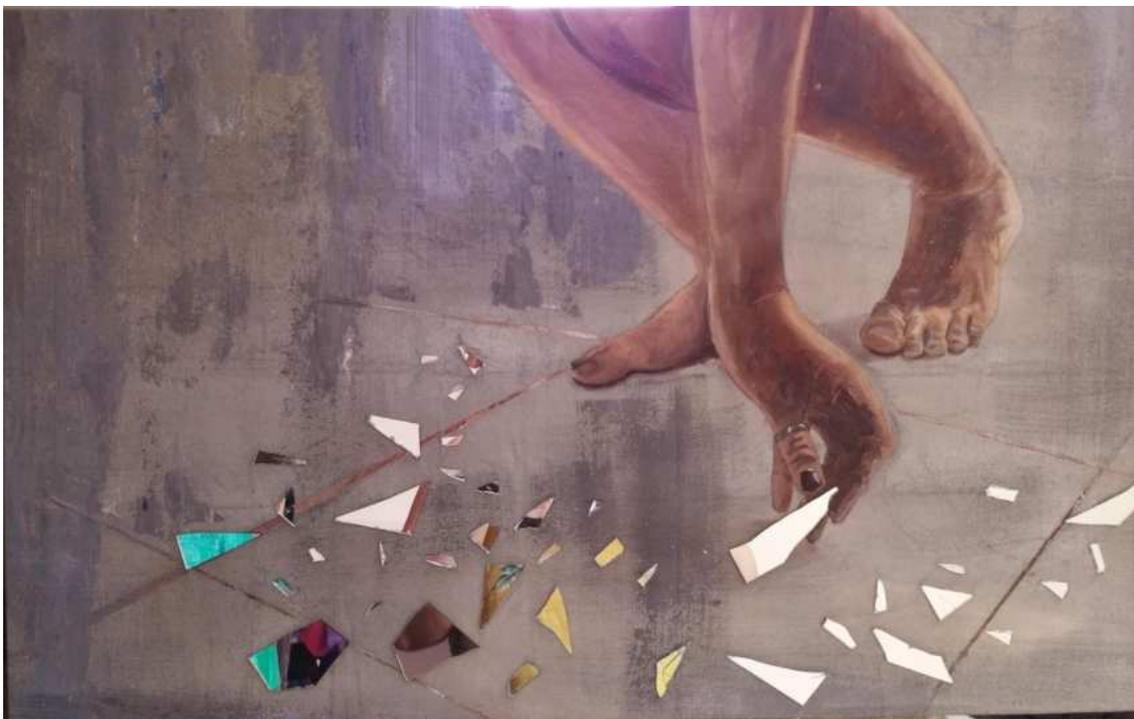
Um caco.

E os deuses olham-o especialmente, pois não sabem por que ficou ali.

(PESSOA, 1929)

Eu sempre achei esse poema interessante, e imediatamente pensei nele quando tive a ideia de utilizar um espelho na pintura. A experiência de fisicamente marretá-lo foi incrível, e recomendo a todos que intencionalmente quebrem um espelho em algum momento (sem medo, porque o azar só vem quando se pensa no azar. Eu não criei as regras).

Hoje em dia, eu executaria essa pintura de uma forma diferente: originalmente eu preparei a lona pregando-a em um compensado de madeira, procedendo à preparação do fundo, e em seguida a execução do quadro como um todo. Agora, ao invés de lona solta, eu pintaria direto em um suporte fixo como compensado ou Eucatex montado, pois os cacos de vidro ficavam perigosamente balançando na lona a cada vez que precisava movê-lo de lugar. Por sorte nenhum pedaço se soltou até hoje, graças à cola super forte que utilizei para colagem dos vidros no tecido, mas ainda assim seria ideal a execução diretamente em um suporte fixo. Para resolver esse problema de segurança sem alterar muito da obra original, apenas estiquei e grampeei o tecido em um pedaço de madeira, para que os vidros fiquem encostados e parados, evitando o eventual rompimento do tecido.



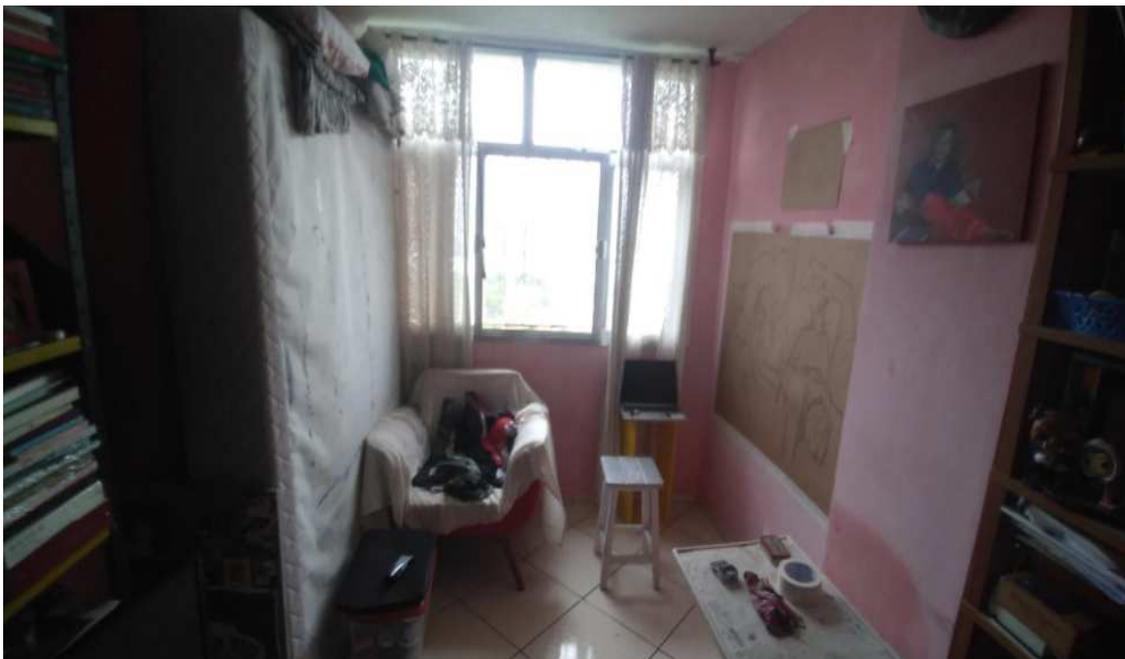
Img 11: “E minha alma partiu-se”. Acrílica, espelho quebrado s/ tela, 48 x 77 cm (2019).

Infelizmente logo depois de Pintura 3 fomos interpelados pela covid 19, que em geral, dispensa comentários. Durante o período remoto, fui monitora da matéria Criação Pictórica 1 do professor Ricardo Pereira e ajudei alunos calouros em questões técnicas enviando vídeos (meus ou de artistas que achava no *Youtube*) no grupo de *Whatsapp* que tínhamos. Aproveitei para fazer matérias teóricas que faltavam e me aventurei em algumas matérias práticas (como aquarela e o tópico especial do professor Nelson). Tentei me manter conectada aos assuntos de pintura o máximo que pude, mas a minha produção como um todo parou abruptamente, como se eu tivesse jogado tudo o que eu sabia dentro de uma caixa na minha mente e passado a chave. Eu não conseguia pensar em produzir absolutamente nada. Devido à limitações de espaço próprio, eu voltei a produzir em tamanhos pequenos, onde o maior que eu podia fazer confortavelmente era um A3.

Depois de um ano inteiro nessa situação, resolvi que precisava acelerar e fazer minhas duas últimas matérias da faculdade, Pintura 4 e 5, mesmo que fosse remoto. A frustração de visivelmente estar regredindo artisticamente, o fato de eu sentir que estava desperdiçando tempo fazendo pinturas que não me agradavam nem um pouco (em especial as “obras” que apresentei em Pintura 4, que nem possuo mais de tanta frustração, desculpa Julio), me fez querer chutar o balde e fazer a maior obra que já tinha feito até então, tentando juntar as coisas que eu mais amo em uma só pra me inspirar: papel kraft, tinta acrílica, tarô e Fábio. O tamanho que escolhi (90 x 1,40cm) era assustador, o maior que já fiz, mas eu decidi encarar esse desafio.

Precisava abrir a caixa de dentro da minha mente, nem que fosse a marteladas. Precisava de espaço para respirar, e já que não podia sair livremente, resolvi trazer uma superfície pictórica grande o suficiente pra me sentir livre de novo.

E funcionou.



Img 12: meu espaço de trabalho durante a pandemia.

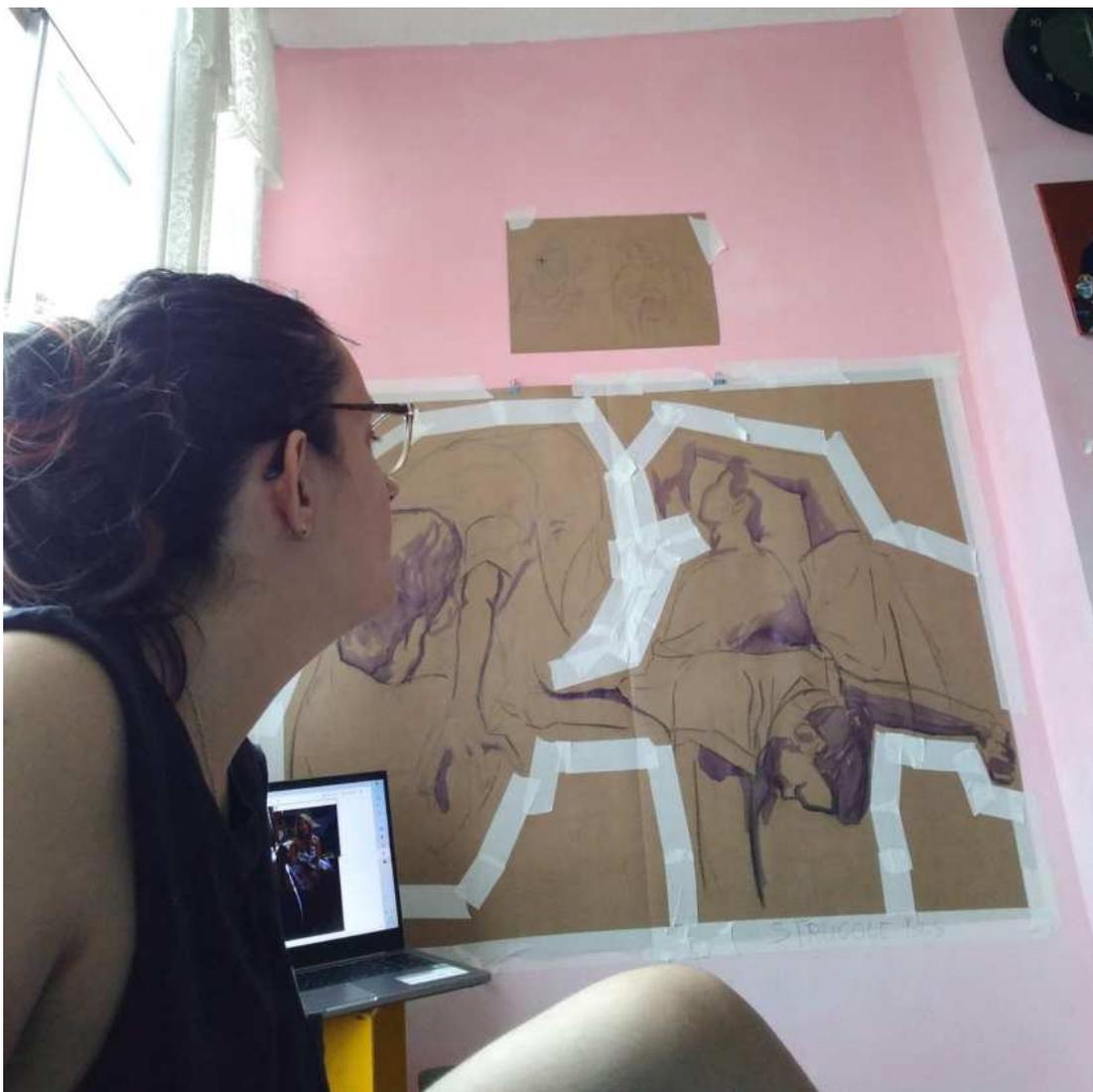
Para montar a composição, que não fazia ideia ainda de como seria, utilizei fotos que tirei do meu namorado de um dia em que estávamos inspirados dentro de casa, fazendo várias poses diferentes (somente pedindo pra ele ficar próximo da janela, por causa da luz da tarde que estava boa). Fiz a composição no computador, sobrepondo e colando várias fotos diferentes, inspirada essencialmente em cartas antigas de tarô e de baralho, onde os naipes eram espelhados, repetidos e virados um lado para cima e o outro, para baixo. Definidas as fotos e a composição que fiz no computador, esbocei em folhas A4, ajustando alguns detalhes de posicionamento. Na sequência passei para o papel kraft à carvão e a ajuda de fita crepe para isolar os espaços, mas logo depois eu removi as fitas (agora eu não sei explicar o porquê que usei fita crepe nesse trabalho, mas na época fez todo o sentido).



Img 13: uma das fotos de referência utilizadas.



Img 14 e 15: cartas de tarô antigo e cartas de baralho antigo, respectivamente.



Img 16: o processo.

Sem certeza de como proceder na pintura, mas sem me deixar paralisar, primeiramente utilizei um pincel redondo de cerdas grossas e tinta violeta aguada pra fazer os rabiscos iniciais por cima dos traços de carvão e marcar algumas áreas de sombra. A única certeza que eu tinha era que queria deixar os espaços do kraft respirando, como tinha feito na série de selfies (acho que talvez por isso eu tenha usado a fita crepe para proteger as áreas de respiro no kraft, mas nesse caso, logo percebi que não era necessário). Na sequência, fui adicionando as áreas mais escuras primeiro, depois as mais claras e por fim os toques de pastel oleoso.

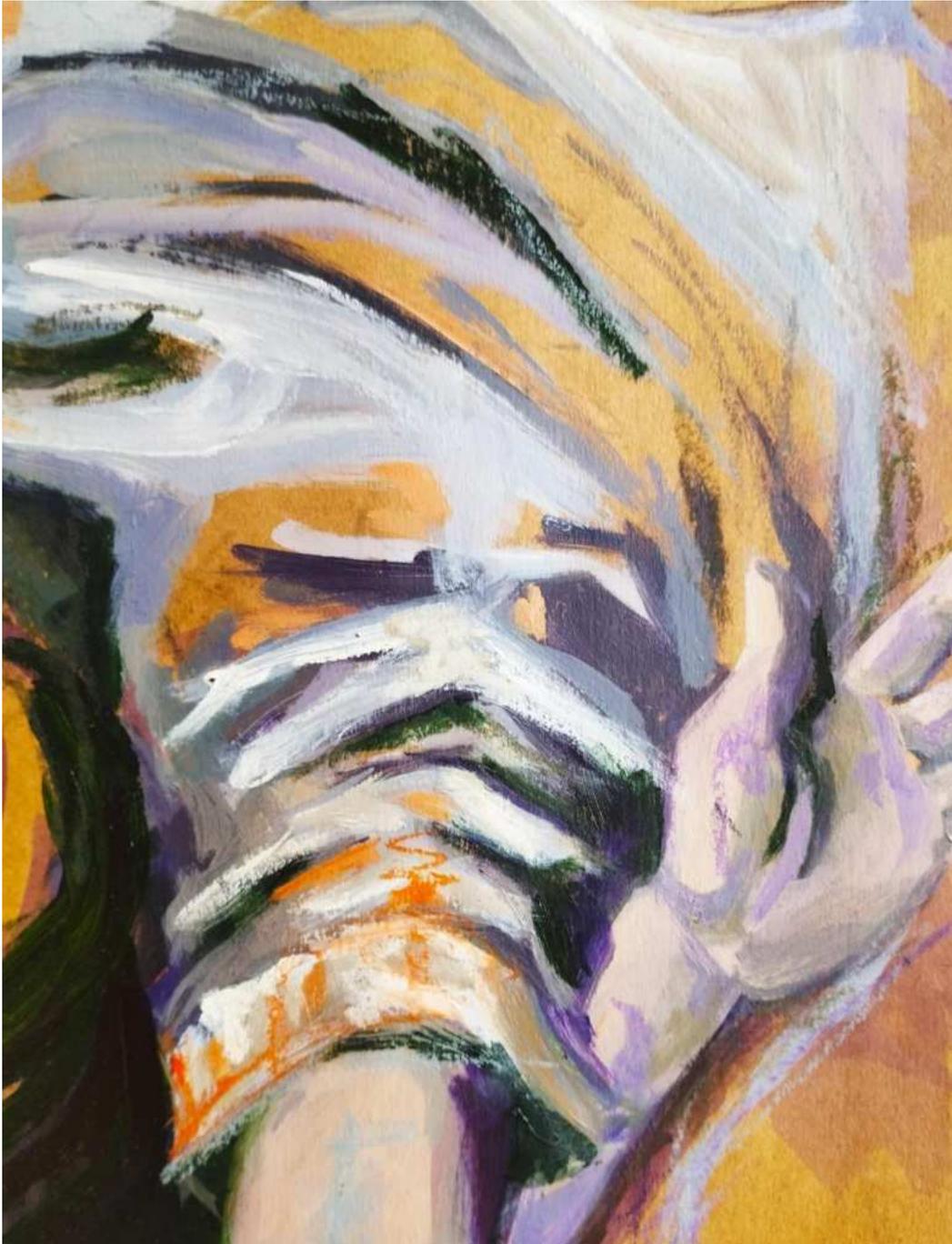
Os traços são agressivos, feitos com pincéis de cerdas duras arrastadas sobre a superfície, como se eu tivesse removendo de mim à força o medo e a dúvida. Mas, ao mesmo tempo que há uma brutalidade na execução, há também

uma frieza e atenção aos detalhes e variação de traços. As únicas cores em acrílica que usei foram violeta permanente escuro, azul ultramar, amarelo de nápoles carne, branco de titânio e verde permanente escuro, adicionando rabiscos de laranja de cádmio, azul ultramar, verde escuro e cinza de payne em pastel oleoso para mais um pouco de textura em determinados trechos. E no fim, senti que faltava uma linha de conexão entre os dois lados, o esquerdo com o direito, o superior com o inferior. Não achei certo pintar uma linha, então, inspirada por Clarinha Bakker e Ray Damasceno, colegas de classe que utilizam linha de bordado e costura em seus trabalhos, adicionei uma linha física de cor lavanda, para que com certeza, tivesse uma linha reta conectando o lado superior ao inferior, e que também fizesse sombra quando uma luz atingisse a superfície.

Respirei fundo, me afastei um pouco. Ele tinha enfim nascido. Quando acabou, o título/nome surgiu. *Agon*: agonia em grego.



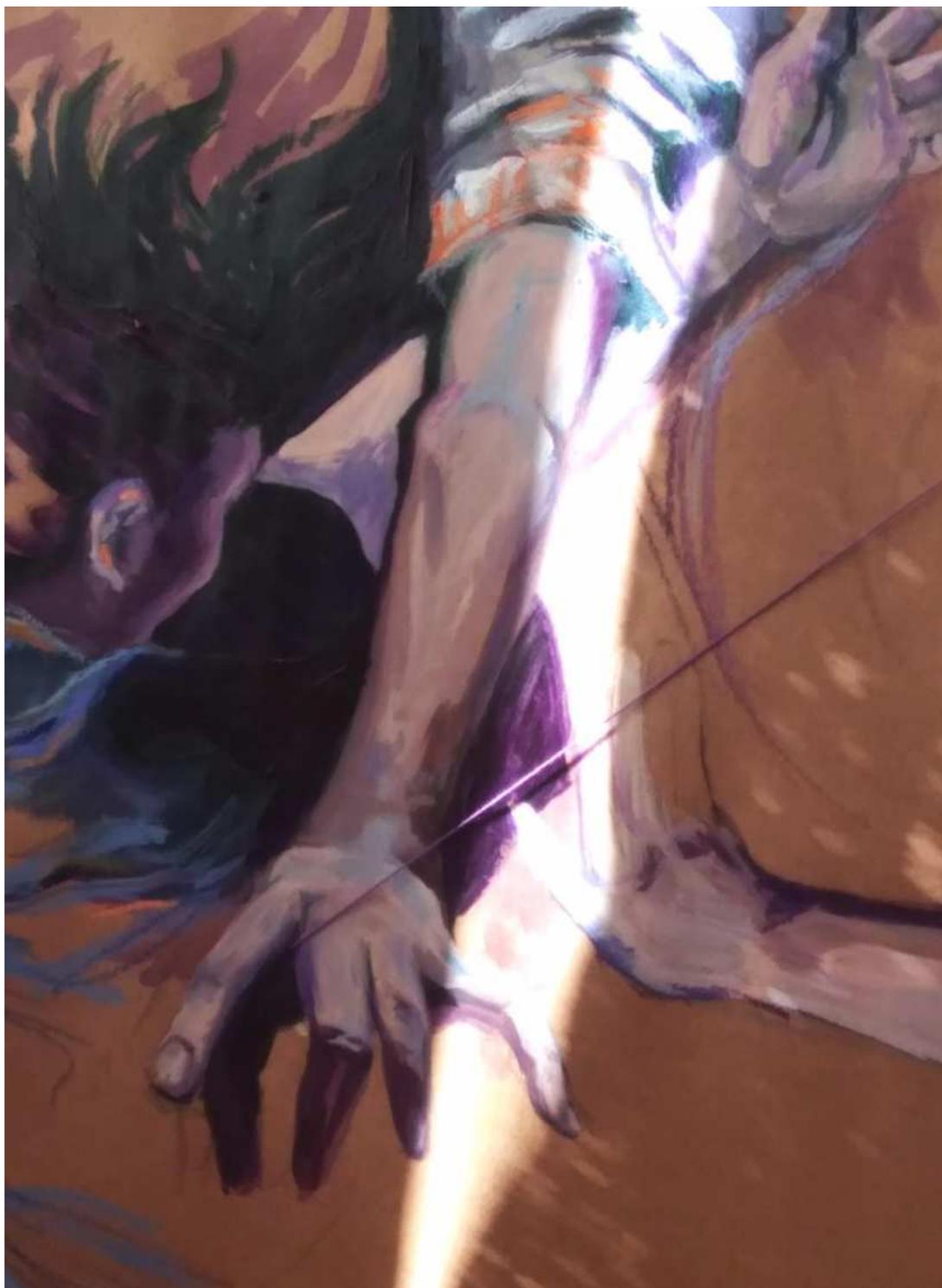
Img 17: *Agon*. Acrílica, pastel oleoso, linha de bordado s/ kraft, 90 x 1,40 cm. 2021.



Img 18: detalhes em pastel oleoso.



Img 19: detalhes em pastel oleoso.



Img 20: aplicação da linha física.

Durante todo o período de pandemia e isolamento minha produção em todas as matérias práticas que resolvi fazer foi no máximo razoáveis. Foi cansativo e frustrante. Eu não queria fazer, porque uma graduação em artes, algo que eu sonhei por tanto tempo e me esforcei tanto pra conseguir, não merecia ser concluída em um momento em que eu não estava conseguindo mostrar nem 10%

do meu potencial. Mas precisava fazer. Foi importante me esforçar em um momento que nada parecia fazer sentido, e essa lição levarei para toda a vida. Os esforços de todos os professores que tive contato foram essenciais, extremamente vitais para que eu conseguisse me manter firme e continuasse tentando. Duas matérias especificamente me pegaram completamente desprevenidas e foram a salvação da minha saúde mental durante a pandemia/fim de graduação: Xilogravura 1 do professor Pedro Sanchez, trazendo o chacoalhão artístico que eu precisava para, mesmo aos tropeços, continuar produzindo algo, *qualquer coisa* artisticamente falando (devido a natureza da matéria como um todo, não pudemos ter aulas práticas, mas tivemos muitas conversas, trocas de ideias, leitura de textos e várias oficinas online, como encadernamento ou estêncil), e Metodologia de Pesquisa com a professora Cláudia Lyrio que, com foco, conhecimento e carinho e ~~um eventual puxão de orelha aqui ou acolá~~ foi essencial para que eu e as meninas da turma nos lembrássemos de manter sempre firme a vontade e a necessidade de nunca parar de produzir. Jamais esquecerei o último dia de aula remota de Metodologia, as lágrimas e tristeza que senti ao desligar a tela do *Meets* pela última vez.

Curiosamente a minha produção deste trabalho de conclusão que começarei a apresentar aqui começou a germinar durante a pandemia, período em que uma camada extra de repetição dos atos e dias se forçou diante de nós.

Acho isso cruelmente engraçado, pensando agora.

2. A SÉRIE

2.1. Termos, teorias e referências artísticas.

O termo “fim dos tempos” foi uma das primeiras frases de impacto que eu tenho lembrança de ouvir na minha vida, (com os membros mais velhos da minha família sempre exclamando “*é o fim dos tempos!!*” a cada momento de indignação) e desde que eu me entendo por gente ele assombra meus ouvidos, seja pela Culpa Católica® seja na Virada do Milênio, seja via *fake news* nas redes sociais. Atualmente é constantemente desejada por muitos (obviamente de um jeito sarcástico), devida à falta de esperança de melhora da sociedade como um todo.

Mas na realidade, não existe mais uma ideia de final do mundo hollywoodiano hegemônico e categórico como uma parada brusca, um meteoro devastador e instantâneo que vai arrebatando toda a vida num único instante como havia antigamente. A natureza das coisas é a efemeridade, nada dura para sempre. Aos poucos o tempo se vai, o material se desfaz; uma espécie, cultura ou lembrança vai lentamente se movimentando em uma única direção, até chegar no ponto do irremediável fim. Todos os dias uma forma de mundo se esgota. Tendo todas essas informações e imagens de arrebatamento e desolação em mente, eu quis tratar de alguns finais em meu trabalho de conclusão, de um modo mais poético e aberto para interpretação e sentimentos, com a utilização de cores que normalmente não são associadas à um momento tão caótico e traumático.

Minha produção se inspira na construção do livro *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, livro dividido em três atos, que nos leva a acompanhar a jornada de Dante por três cenários diferentes: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso. Inicialmente, a série como um todo não foi pensada em ser dividida em atos, mas em um determinado momento, ao mostrar a minha produção a uma amiga, a forma como os quadros poderiam ser divididos em três momentos diferentes me foi apontada, e aí a lembrança da *Divina Comédia* me invadiu. Às vezes, quando estamos sem saber como prosseguir com alguma questão que anda nos tirando o sono, tudo o que precisamos é de uma pessoa de fora, com uma visão diferente da nossa, para apontar possíveis erros ou acertos em relação à nossa produção. Todos os quadros foram feitos baseados em fotos autorais, de momentos específicos que

vivi pouco tempo antes e durante a pandemia. Eu tenho o costume de tirar fotos de momentos de distração das pessoas ao meu redor, sem pedir pra que posem ou sorriam. É uma suspensão de um momento em que me senti compelida a registrar, muitas vezes em segredo, pra guardar pra mim mesma, tentando manter a essência daquele determinado momento vivo. Ao contar em uma aula no modo remoto como era meu processo de produção baseado em fotos, uma amiga da turma me trouxe essa provocação: “Pintar com referência de foto que você mesma tirou é uma coisa meio psicanálise, né? Registrar o momento enquanto vive e, a posteriori, passar pra tinta. Sendo que esse meio tempo é um abismo.” (GOLONI, Laura.) Esse comentário me surpreendeu imediatamente, tanto que precisei parar tudo e escrevê-lo antes que eu me esquecesse (minha memória me falha constantemente) e fico feliz de ter conseguido registrá-lo. Por bastante tempo essa frase perambulou minha mente (ainda o faz), enquanto eu tentava compreender sua dimensão. O abismo é, de certa forma, o Sublime. Assustador e irresistível. Esse momento-abismo é o momento que mais me chama, é o que mais me amedronta. É ele que me faz retornar inconscientemente ao meu início, quando eu desenhava uma cena diferente em cada página, adicionando recortes em momentos de acordo com o que eu queria destacar em cada cena. E é dele que muitas vezes eu tento fugir. E no meio desse cabo de guerra, eu me atrevo a produzir, a seguir em frente. Não há muito o que fazer a não ser seguir adiante.

E falando em “meio tempo”, durante um *brainstorm* em grupo, surgiu o termo “*in medias res*”, que é uma técnica literária utilizada desde a antiguidade, onde a narrativa começa a ser contada no meio de uma ação em curso, ao invés de no início. O termo *in medias res* provém do livro *Ars Poetica*, do poeta romano Horácio, onde ele descreve seu poema épico ideal:

Nem começa o retorno de Diomedes pela morte de Meleagro,
nem a guerra de Troia pelo ovo gêmeo;
sempre se apressa para o acontecimento, arrebatado o ouvinte
in medias res, não ao longo dos conhecidos,
e abandona as [sic] assuntos tratados que espera não poderem brilhar.
De tal modo inventa, que mistura ficção à realidade,
para que o meio não destoe do princípio, nem o fim do meio. (HORÁCIO,
2013, p. 24)

O termo "ovo gêmeo" vem de *ab ovo* (literalmente "desde o ovo", desde o início de tudo) e é uma referência à origem da Guerra de Tróia com o nascimento mítico de Helena e Clitemnestra de um ovo posto pela mãe de ambas, remetendo assim, ao início literal da clássica história que deu origem à épica de Homero.

A minha produção baseia-se no conceito de *in medias res*, tanto na utilização de cenas que parecem pausadas no meio de uma ação em curso, quanto na própria narrativa em si, que começa já em algum ponto que não conhecemos do já estabelecido "fim do mundo". E durante toda a narrativa, nos deparamos com fins (fim do mundo, fim da humanidade, fim da rotina "normal" a qual éramos acostumados, fim do cenário e normalidade que conhecíamos), e a tentativa de repararmos esses fins, tanto no sentido de notarmos essas mudanças de nuance, como tentar restaurar a noção de normalidade e resgatar o mundano, seja lá o que isso agora signifique.

No campo artístico, não poderia deixar de mencionar os artistas que me inspiram, seja em seu uso de cor, ou em seus métodos de produção e pesquisa. Começando por Claude Monet e suas pinceladas luminosas e utilização de tons de violeta, este pintor Impressionista foi a minha primeira escolha de pintor âncora, e durante os dois primeiros períodos da faculdade, fui muito influenciada pelo seu uso de cores claras e aéreas.



Img 21: “La Femme à l'ombrelle — Madame Monet et son fils”. OST, Claude Monet. 1875.

Em Pintura 2, enquanto estava trabalhando na série do astronauta, a professora Mirela me apresentou aos trabalhos de Frida Kahlo, que na época só conhecia de nome, e me encantei com suas construções oníricas e autorretratos surrealistas. A utilização de cores vibrantes em sua produção também é algo que me impressiona, e até hoje continuo estudando seus métodos e me encantando com a delicadeza e ao mesmo tempo brutalidade de suas construções.



Img 22: "Lo que el agua me dio". OST, Frida Kahlo. 1938.

Um artista que me inspirou muito durante a produção da série que apresento aqui, em especial a utilização da luz forte com as sombras marcadas e a solidão e melancolia dos personagens, foi Edward Hopper. De todos os artistas que passei a conhecer graças à graduação em Pintura, Hopper foi meu favorito, o que mais me impactou de um modo geral. O Ato I da minha série foi completamente influenciada por vários quadros do artista.



Img 23: "Room in Brooklyn". OST, Edward Hopper. 1932.

Em se tratando de artistas nacionais, eu tenho uma grande fonte de inspiração nas obras de cores fortes, composição com inspiração onírica e a utilização de iconografias espirituais de Marlon Amaro, artista expoente da pintura contemporânea. Apesar de termos estudado na mesma época na graduação de Pintura, apenas recentemente conheci suas obras e fui completamente hipnotizada pelo seu uso de cores neon e a construção dos corpos no plano pictórico.

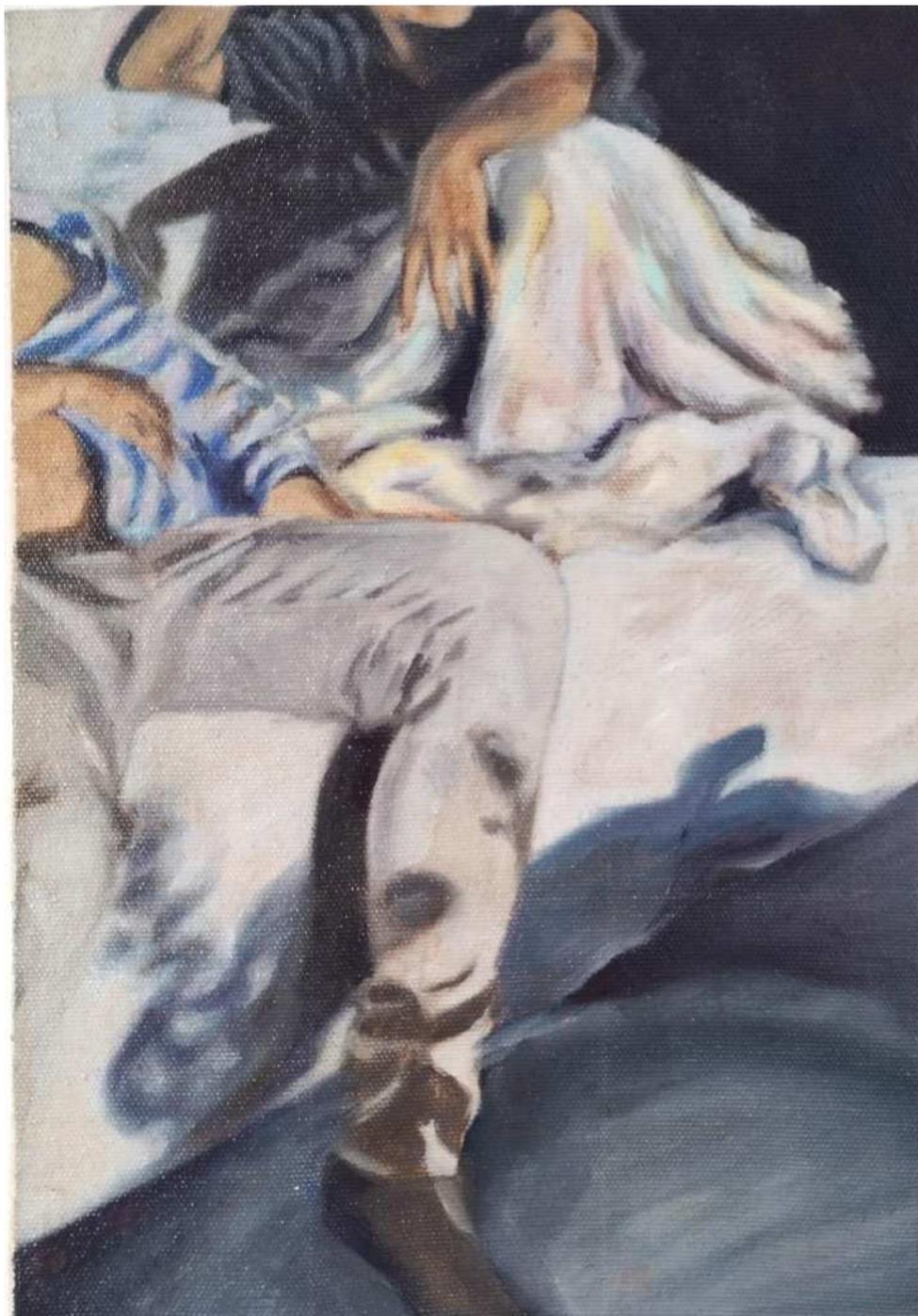


Img 24: "A place where a garden never grows". OST, Marlon Amaro. 2022.

2.2. Ato 1: O casulo

A minha produção para o trabalho de conclusão começa na época do isolamento. Mas algo que me atormentava era justamente como falar sobre isolamento e pandemia sem explicitamente tocar na ferida e no trauma que essa época trouxe para todos nós, coletivamente falando? Os sentimentos de dormência, desamparo, negação da realidade e cansaço emocional foram os que mais me atravessaram, pessoalmente, e acredito que foram os que mais me influenciaram durante a produção da maior parte dos quadros aqui apresentados. Me agarrei a esses sentimentos durante toda a produção, às vezes inconscientemente, às vezes completamente embriagada deles.

Durante esse período, fiquei junto com meu namorado e com meu irmão na casa de meus pais, para fazer por eles tarefas do dia a dia e evitar que tivessem que se expor ao mundo exterior. Para desanuviar a mente li bastante poesia (graças a um grupinho de leituras que tentava manter em modo remoto com um grupo de amigas da faculdade), e foram os livros da poeta Ana Martins Marques que deram o pontapé inicial na busca dessa poética específica. O livro *Da Arte das Armadilhas* (2011) traz um segmento inteiro de poemas sobre itens e cômodos específicos de dentro de casa, trazendo um ar nostálgico de infância na casa da avó, ou sentimentos de solidão de uma casa uma vez compartilhada com um amante que já não está mais ali, e outros. E então, inspirada por essa aura de interior de casa como casulo cheio de lembranças agridoces, o primeiro quadro surgiu.



Img 25: "Pausa". OST, 20 x 30 cm. 2021.

Inicialmente, eu tinha pintado a imagem porque trazia uma atmosfera de intimidade, aconchego e paz. Feito em formato pequeno (20 x 30 cm), à óleo, técnica que requer um cuidado, paciência e atenção maior em todo o seu processo, como se fosse um momento de desconexão com a realidade, me deixando levar a esse lugar de tranquilidade que sentia tanto a falta. Observando as cores,

respeitando o tempo de “secagem” da técnica, como um exercício pessoal meditativo de “curtir a jornada”.



Img 26: trabalho em progresso (“Pausa”).

Neste quadro, a figura à direita tem seu rosto virado em direção da luz, porém, como a figura à esquerda, não temos indicativos de para onde estão direcionando seus olhares, ou se estão de fato olhando alguma coisa. Estão apenas

ali, no que parece ser um banho de sol em um dia mais frio (julgando pelas roupas compridas e a presença de um cobertor).

Os quadros seguintes desse ato foram produzidos algum tempo depois (pós período de isolamento obrigatório), na medida em que a pesquisa ia se desenvolvendo e se estabelecendo como uma série de fato, porém em técnica e tamanhos diferentes. Para referência, utilizei recortes de fotos que tirei do mesmo dia e lugar, na tentativa de manter a mesma atmosfera.



Img 27: “Busca”. Acrílica s/ tela, 36 x 48 cm. 2022.

Em “Busca” [img 27] temos a utilização de cores claras, dessaturadas e sombras fortes porém transparentes trazem um ar de mistério para dentro da casa, onde nos primeiros quadros desse ato não temos muita informação, pois tudo que vemos do ambiente são um único sofá branco e um tapete acinzentado. O recorte é inusitado, focando nossa atenção longe da área de “ação”. A proximidade das pessoas no quadro indica certo grau de intimidade, ou a ação que está acontecendo requer essa tal proximidade deles. Ao que indica a inclinação das

figuras, as três estão focadas em alguma coisa na tela do notebook, com uma mão surgindo no meio da sombra em direção à tela, talvez no início do movimento de apontamento ou na ação de puxar o aparelho para mais perto de si. As sombras marcadas, a luz forte e a atmosfera fria são acompanhantes narrativos do que vemos no espaço pictórico: uma busca fria e calculista por meios eletrônicos de alguma coisa ou evento fora do ambiente em que se encontram, ignorando os fatos acontecendo bem ali na frente deles.



Img 28: “Desvio”. Acrílica s/ madeira, 30 x 40 cm. 2023.

Neste quadro, “Desvio” [Img 28], a imagem se amplia, mostrando um pouco mais do ambiente compartilhado: uma poltrona verde limão à esquerda, um cavalete pequeno encostado entre o sofá e a poltrona, quadros decorativos pendurados na parede e uma forma escura no canto direito, talvez uma porta. Há lugares suficientes para as figuras que foram representadas nos quadros anteriores sentarem confortavelmente, mas escolheram todas estarem juntas no mesmo sofá, afirmando a narrativa de proximidade e intimidade. Porém, nesse último quadro, há apenas uma figura solitária no canto do sofá, sentada mexendo

no celular, confortável e distraída demais para olhar para fora. A figura está olhando para fora, sim, mas através de seu celular.



Img 29: trabalho em progresso (“Desvio”).

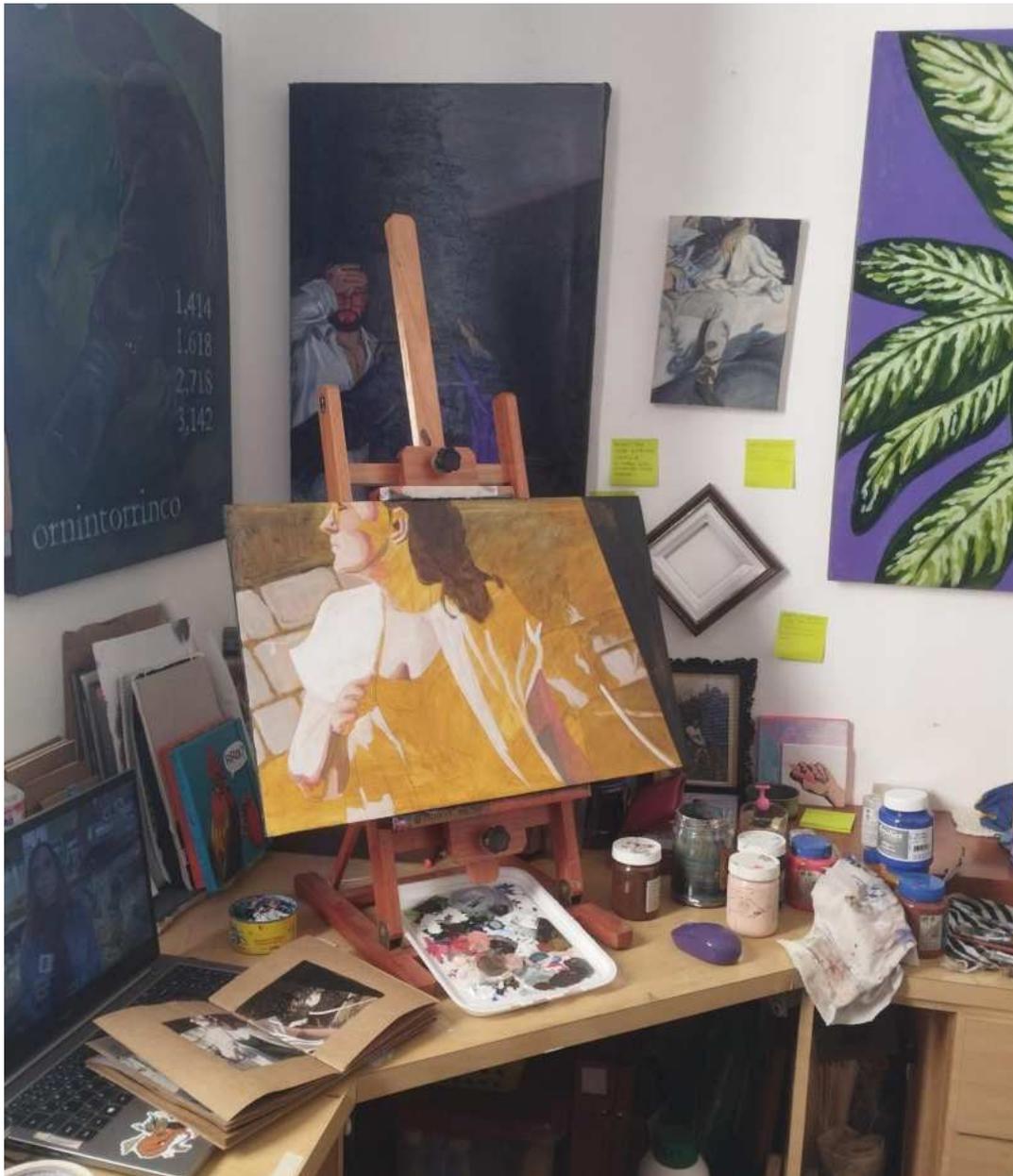
O título remete a esse momento, o desvio da atenção, o desvio do olhar. Enquanto isso, a presença constante da sombra continua literalmente pairando sob sua cabeça.

O interior de casa neste primeiro ato serve como um casulo, confortável, protegido e tranquilo, nos impedindo de viver uma transformação. Ou antes, nos prevenindo de ver o mundo, mesmo que por nossa própria escolha de permanecer do lado interior. Nós nos mantemos dormentes, alheios ao lado de fora de nossas vidas.



Img 30: "Contato". Acrílica s/ madeira, 40 x 60 cm. 2021.

Em "Contato" [Img 30], porém, temos uma primeira cena externa (julgando pela ambientação completamente diferente dos quadros até agora mostrados). O uso de tons dessaturados é proposital, como se fosse uma peça de teatro estranha ou alguma cena de sonho, com um holofote estourando toda a iluminação. Neste quadro, vemos uma figura, que não está mais no ambiente interno que estávamos acostumados, fazendo contato visual com algo ou alguém o qual ainda não temos conhecimento. O recorte dramático mostra a parte superior da figura, ao fundo um jardim de folhas secas, sombras estranhas e um muro cortando todo o espaço pictórico ao fundo. O braço da figura em primeiro plano está parado no meio do corpo, em uma postura defensiva, o olho por trás da sombra dos óculos escuros semicerrados, observando algo na iluminação forte.



Img 31: trabalho em progresso ("Contato").

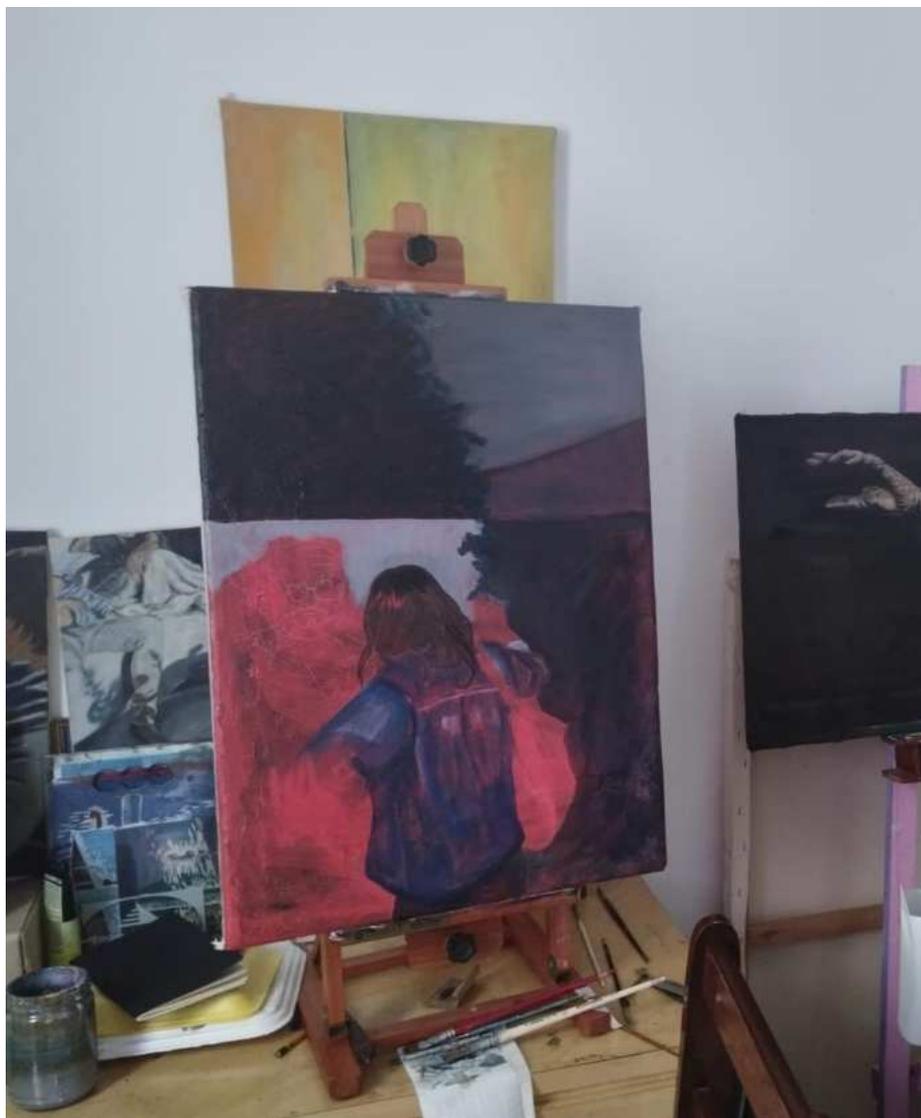
Estar do lado de fora traz o sentimento de confusão, choque inicial e uma sutil tensão. Alguma coisa estranha está de fato acontecendo.



Img 32: "03:03". Acrílica s/ tela, 60 x 70 cm. 2021.

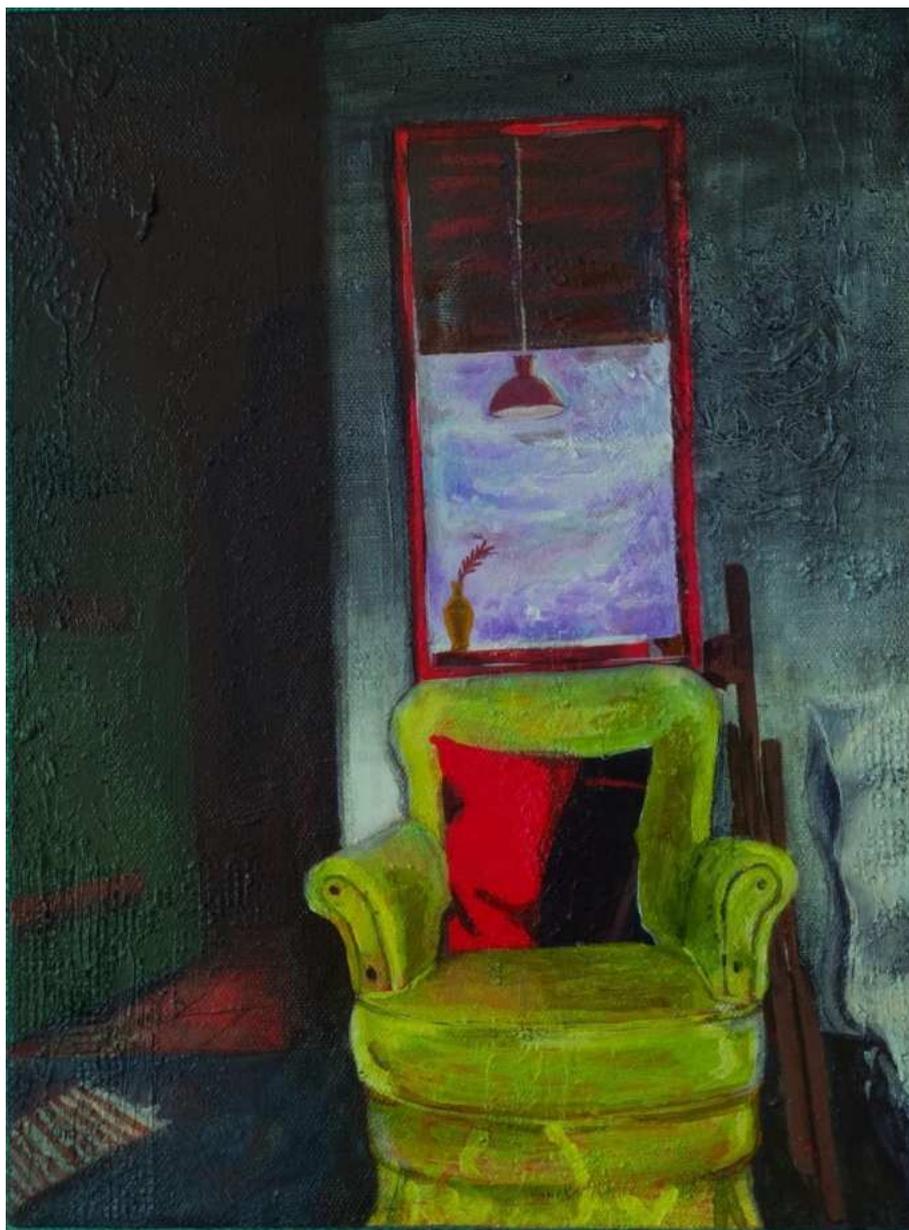
Na pintura acima [Img 32] vemos novamente uma cena externa, dessa vez (com a informação do título "03:03") de madrugada, com uma iluminação vindo diretamente da frente, mas que dessa vez não é uma luz estourada e branca como no anterior, mas estranha e vermelha, apenas no rosto da figura de frente. A iluminação do ambiente é menos potente, ilumina somente a área dos dois personagens no meio da noite, como um flash de fotografia. Vemos duas pessoas,

uma de costas e outra de frente, com os olhos fixos em algo que está fora do quadro. A luz no céu é ligeiramente violeta, uma cor que não é normal para essa (ou qualquer) hora da madrugada.



Img 33: trabalho em progresso (“03:03”).

O título do quadro, com as horas repetidas, é conhecido no mundo espiritual como um horário onde portões espirituais se abrem, receptivos para orações, pedidos e manifestações de cunho espiritual. O título remete também à Santíssima Trindade católica, com os representantes sendo o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Na pintura, temos a presença física de duas pessoas, e uma delas olha para algo terceiro fora do quadro.



Img 34: "Aporía". Acrílica s/ tela, 30 x 40 cm. 2023.

Em "Aporía" [Img 34] (em grego, *impasse*), voltamos novamente para o lado interno da casa, com itens que se encontram ao lado esquerdo do sofá dos três primeiros quadros apresentados. Dessa vez, a poltrona verde limão está em evidência, e do lado esquerdo dela uma porta tenebrosamente entreaberta com uma escuridão interior, talvez apresentando mais uma camada de proteção para quem fica, mas dessa vez é total escuridão: um ambiente protegido, isolado, ignorante aos acontecimentos externos, onde você não vê nada e não sente nada. Logo acima da poltrona está um espelho vertical que finalmente nos mostra um pedaço da janela, que desde o primeiro quadro é indicada pela presença de uma

forte fonte de iluminação externa. Percebemos que o mundo do lado de fora já está mudado, mas do lado de dentro, nenhuma ação para sair é vista, nem sequer olhares curiosos para fora. Nenhuma mudança interna, enquanto tudo do lado de fora mudou.



Img 35: trabalho em progresso ("Aporia").

É preciso quebrar a casca de proteção do mundo, é preciso sair. E quando saímos nos deparamos com um mundo em que tudo é estrangeiro: o cenário, as repetições, a atmosfera onírica, a presença iminente do fim do mundo. Não há nada mais a fazer a não ser seguir adiante. Continuar vivendo em face ao apagamento

dos afetos e lembranças que se esvaem, como visto no poema de Ana Martins Marques que conclui esta parte.

Podemos atear fogo
à memória da casa
desaprender um idioma
palavra por palavra
podemos esquecer uma cidade
suas ruas pontes armarinhos
armazéns guindastes teleféricos
e se ela tiver um rio
podemos esquecer o rio
mesmo contra a correnteza
mas não podemos proteger com o corpo
um outro corpo do envelhecimento
lançando-nos sobre a lembrança dele (MARQUES, 2015, p. 59)

2.3. Ato 2: O fim já chegou

No Ato 2 enfim podemos ver como é realmente o lado de fora: um céu em tons de violeta, iluminação forte e difusa, um ambiente estranhamente devastado. Não é mais um horizonte sonhador e belo como conhecíamos. Não há escapatória do ambiente alienígena, apocalíptico, em ruínas que, mesmo assim, é a nossa realidade. Ainda que em algum momento consigamos reestabelecer um sentimento de normalidade, o agora se parece mais como um sonho onde não há muito que fazer a não ser seguir em frente, suportar, tentar restaurar a vida.

Esse segundo ato, apesar de ter começado a ser produzido após o período de isolamento obrigatório, é carregado do sentimento amargo, que se estendeu por algum tempo, de que o exterior de nossas casas era completamente diferente do que estávamos acostumados, ainda trazendo medo e hostilidade, mas nada podia ser feito. Era o que chamamos na época de “o novo normal”, e tínhamos que nos acostumar com isso, tocando nossas vidas adiante apesar de tudo.

A utilização de tons violetas ao fundo é uma escolha estética proposital. Queria remover as cores naturais por completo (como cores de um pôr do sol ou de um dia de céu limpo), utilizando apenas violeta permanente, azul ultramar e branco de titânio. Queria uma alteração óbvia, mas com a eventual e tímida utilização de um tom de azul, que permanecesse ligeiramente semelhante com o que conhecemos, para que a sensação fosse um misto de estranhamento e contemplação. O uso do violeta tem duas explicações, a primeira sendo uma breve explicação teórica:

A luz visível, que inclui o vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e violeta, é a parte do espectro eletromagnético que é mais eficaz na interação com a nossa atmosfera e com os objetos ao nosso redor. Ela nos permite perceber o mundo com detalhes suficientes para atender às nossas necessidades diárias. No entanto, o violeta, por ser de alta energia, também é potencialmente mais prejudicial aos nossos olhos, razão pela qual a evolução pode ter favorecido a percepção de cores em uma faixa mais segura. (OLIVEIRA, 2023)

A segunda explicação é que na História da Arte, a partir da era dos Impressionistas, as pinturas que mostram horizontes à distância tem um ar violáceo, pois tons frios tem a particularidade de levar os olhos do espectador para o fundo do quadro, dando assim a sensação de profundidade característica da pintura atmosférica. Claude Monet foi um dos artistas que utilizavam os pigmentos violetas em suas pinturas, chegando a alegar "ter descoberto a cor da atmosfera". Como nos é relatado pela artista e especialista em pigmentos Evie Hatch:

Alguns historiadores da arte dizem que violeta foi a cor mais controversa do século XIX. Historicamente pigmentos violetas e púrpuras tem sido extremamente raros. Antes de 1860, pintores europeus precisavam misturar os violetas a partir do vermelho e azul, o que limitava o quão brilhante e pura a cor poderia ser. A invenção do violeta cobalto em 1859 mudou esta situação, e foi rapidamente seguido por violeta manganês que foi introduzido em 1890. Esses dois novos pigmentos uniformizaram o trabalho dos impressionistas, incluindo o de Claude Monet. Ele usava violeta em todos os lugares, de pinceladas densas de violeta de cobalto em suas paisagens à pequenos toques de violeta manganês em suas pinturas da catedral de Rouen, que faz as suas sombras brilharem. Monet e outros impressionistas como Renoir e Pissaro, dependiam tão fortemente das qualidades luminosas do violeta que críticos os acusavam de estar sofrendo de "violettomania". Outros sugeriam que eles talvez tivessem com problemas de visão, e alguns descreveram o público sacudido seus pulsos em fúria perante suas pinturas. Monet talvez tenha intencionalmente provocado esses críticos quando proclamou que "eu finalmente descobri a real cor da atmosfera, é violeta, ar fresco é violeta. Em três anos todos estarão usando violeta." E ele estava certo. Pigmentos violetas tem sido um marco na paleta dos artistas desde então. (HATCH, 2023)¹

É essa ambientação familiar, porém potencialmente perigosa que quis trazer para os horizontes do Ato 2, e inclusive é o mais influenciado pela narrativa de *A Divina Comédia*. Temos a impressão de estar passeando por entre os cenários e observando o que está acontecendo de uma forma distante e fria, remetendo à jornada de Dante e Virgílio pelo Inferno e Purgatório. Mas diferente deles, estamos

¹ Tradução nossa.

passeando por nossa própria realidade, mesmo que seja completamente diferente e estéril.



Img 36: “Minutos para Meia Noite”. Acrílica s/ tela, 30 x 40 cm. 2022.

“Minutos para Meia Noite” [Img 36] mostra um grupo de jovens, todos eles com um copo de bebida cor amarelo neon, sentados relaxadamente em cadeiras de bar, vindo de camarote o que está vindo de encontro a eles. Percebe-se uma coluna de fumaça ao longe soprando, o céu começando a ser tomado pela atmosfera violeta, a terra em volta está completamente devastada. Fazendo companhia ao grupo, apenas um único tronco da árvore Abricó-de-Macaco ainda de pé, como um pilar de força, o último resquício de natureza remanescente, apesar da aparência morta ou alienígena.



Img 37: trabalho em progresso (“Minutos para Meia Noite”).

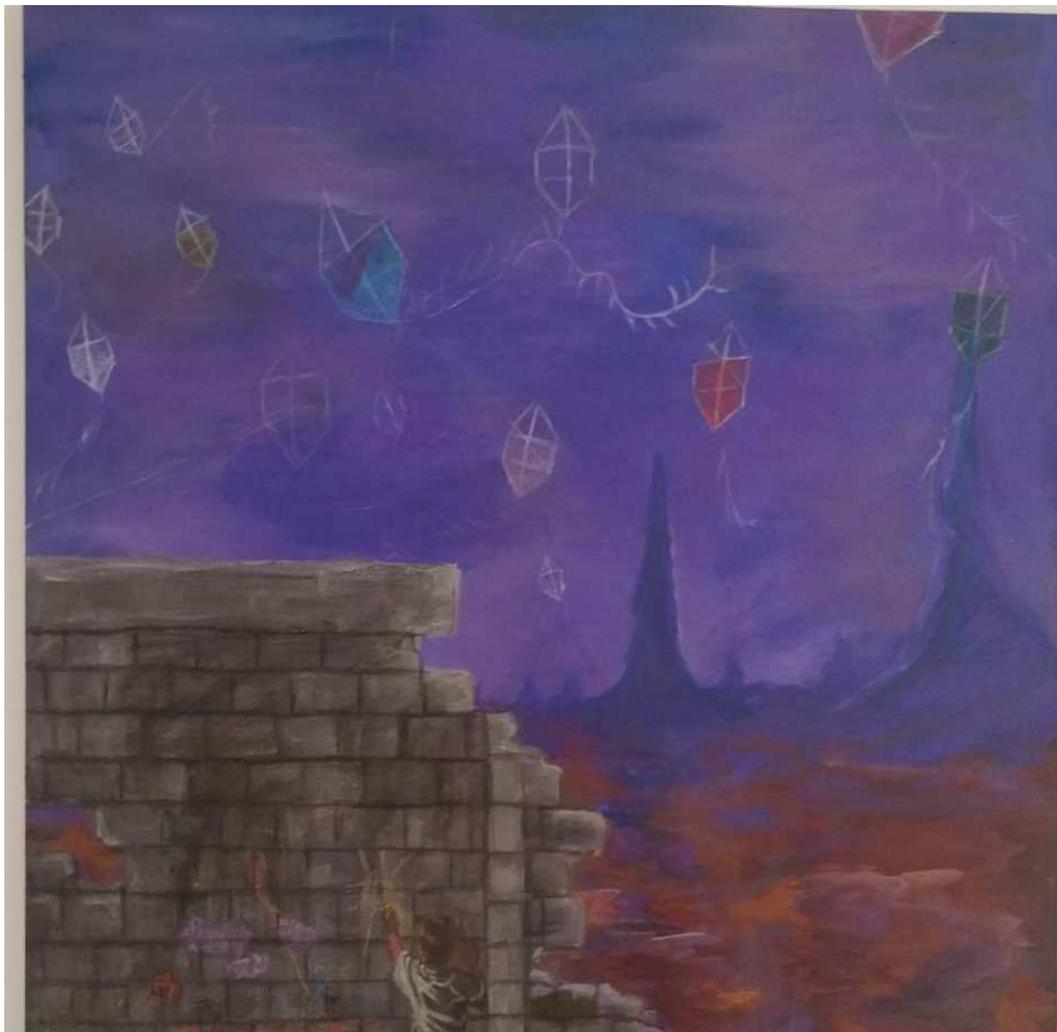
A luz estourada remete aos quadros do primeiro ato, mas a partir de agora estamos do lado de fora. Tudo é excessivamente iluminado, com raras presenças de áreas com sombras. Não há onde se esconder ou se proteger da fonte de luz absurda. O título denota que o fim já foi estabelecido e visivelmente já atingiu a tudo, mas não a humanidade. Não ainda.



Img 38: "Muralha Maria". Acrílica s/ Eucatex, 60 x 80 cm. 2023.

Neste quadro [Img 38], temos um pedaço de muro, simbolizando uma barreira que já não serve mais como proteção, enquanto três crianças interagem com o ambiente, correndo e rabiscando a superfície do muro. Inicialmente eu iria adicionar pipas e rabiolas no cenário, fazendo uma ponte com os quadros seguintes deste ato. Porém a ideia era trazer as pipas na superfície com uma técnica diferente da acrílica, como pastel oleoso ou lápis de cor aquarelável (por ser um método mais prático de remover e refazer tudo, como se fosse um quadro

negro), mas nas tentativas que experimentei, achei que foi uma solução um tanto forçada, então eu resolvi deixar sem nenhuma pipa.



Img 39: detalhe do trabalho em progresso ("Muralha Maria") com as pipas feitas a lápis de cor aquarelável.

Esse é o único quadro onde não há muita variação de tons no céu. É um grande céu escuro e perigosamente violeta, mas as crianças não se importam nem um pouco com isso.



Img 40: "Ode ao Passado". Acrílica s/ madeira, 30 x 40 cm. 2022.

No "Ode ao Passado" [Img 40], temos duas figuras adultas interagindo com bambolês no centro e um par de postes ainda de pé mas conectados a lugar nenhum, como se fossem rastros perdidos da civilização. O horizonte é o mesmo, mas há uma variação maior de tons de cores no céu, apesar de serem bem mais dessaturadas. As pinceladas são mais soltas, a composição como um todo é mais onírica, difusa, confusa e críptica. A partir desse quadro, decidi manter o mesmo tamanho de suporte até o fim da série para enfatizar a repetição de rotina e cenários.



Img 41: “Ode ao Futuro”. Acrílica s/ madeira, 30 x 40 cm. 2022.

“Ode ao Futuro” [Img 41] não nos apresenta sobreposição de imagens, remetendo um pouco mais à realidade. No centro do quadro, algumas figuras adultas estão abaixadas, concentradas em construir uma trilha de amarelinha no chão para as crianças, algumas hesitantes, mas interessadas em brincar e se libertar. Não há possibilidade de mudar a realidade como um todo, mas ao menos podermos ajudar as crianças a brincar, e ainda assim, passar algumas tradições adiante para elas. Inicialmente o horizonte não estaria muito visível, com a adição de alguns prédios ou construções em ruínas, mas para evitar associações com cenários familiares a nossa própria realidade, optei por remover e manter o

horizonte onírico visível. A sombra à direita do quadro, oriunda de alguma construção com telhas é suficiente para a ideia de que pelo menos as crianças tem alguma coisa que as proteja do cenário. É o único quadro que tem a presença de uma grande sombra que serve como proteção dos personagens.



Img 42: trabalho em progresso (“Ode ao Futuro”) e o fundo antes de ser alterado.

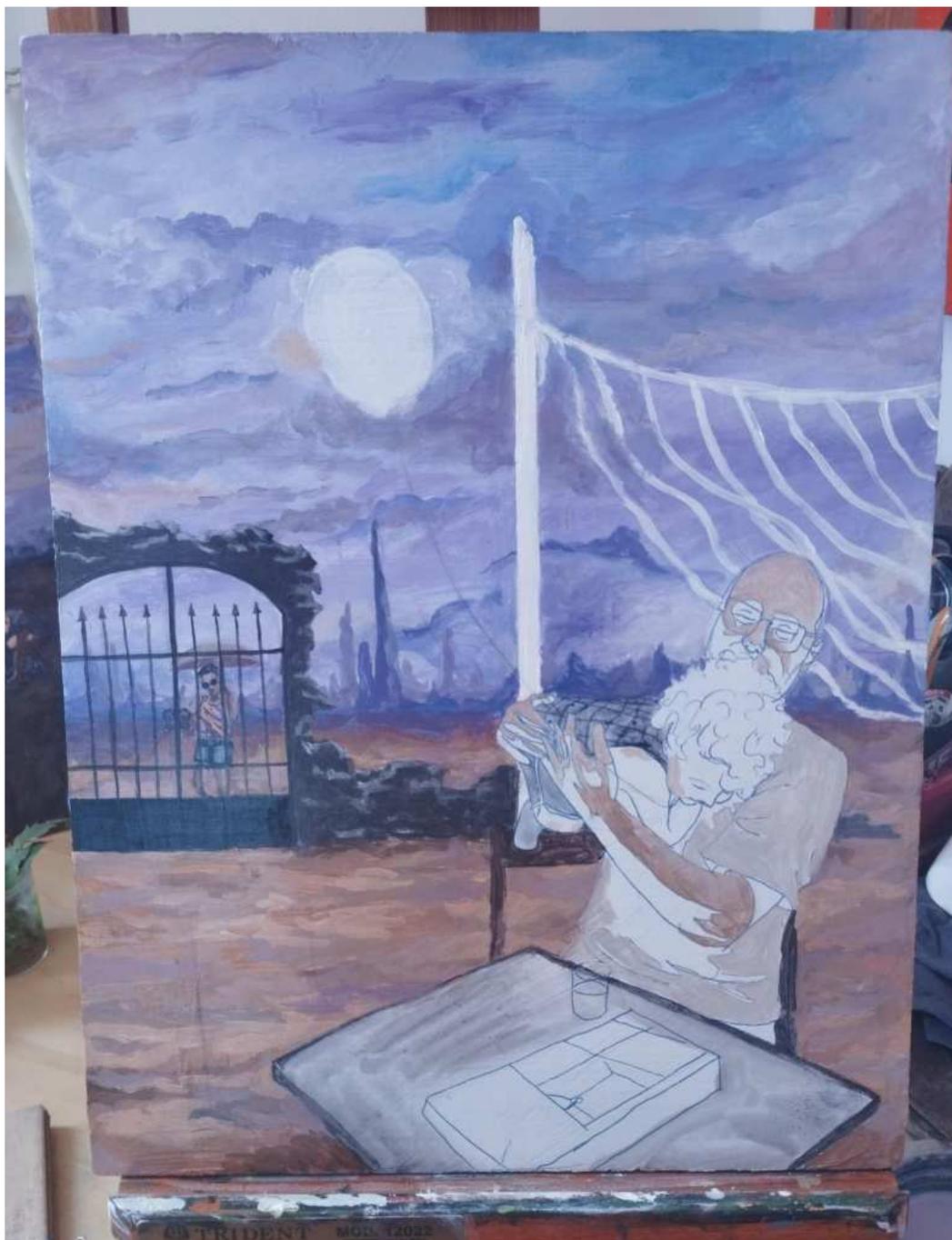
Vale mencionar que esses dois quadros foram selecionados para a IX edição da Bienal da EBA, que aconteceu no Paço Imperial, de dezembro de 2023 a março de 2024.



Img 43: "Ode ao Presente". Acrílica s/ madeira, 30 x 40 cm. 2023.

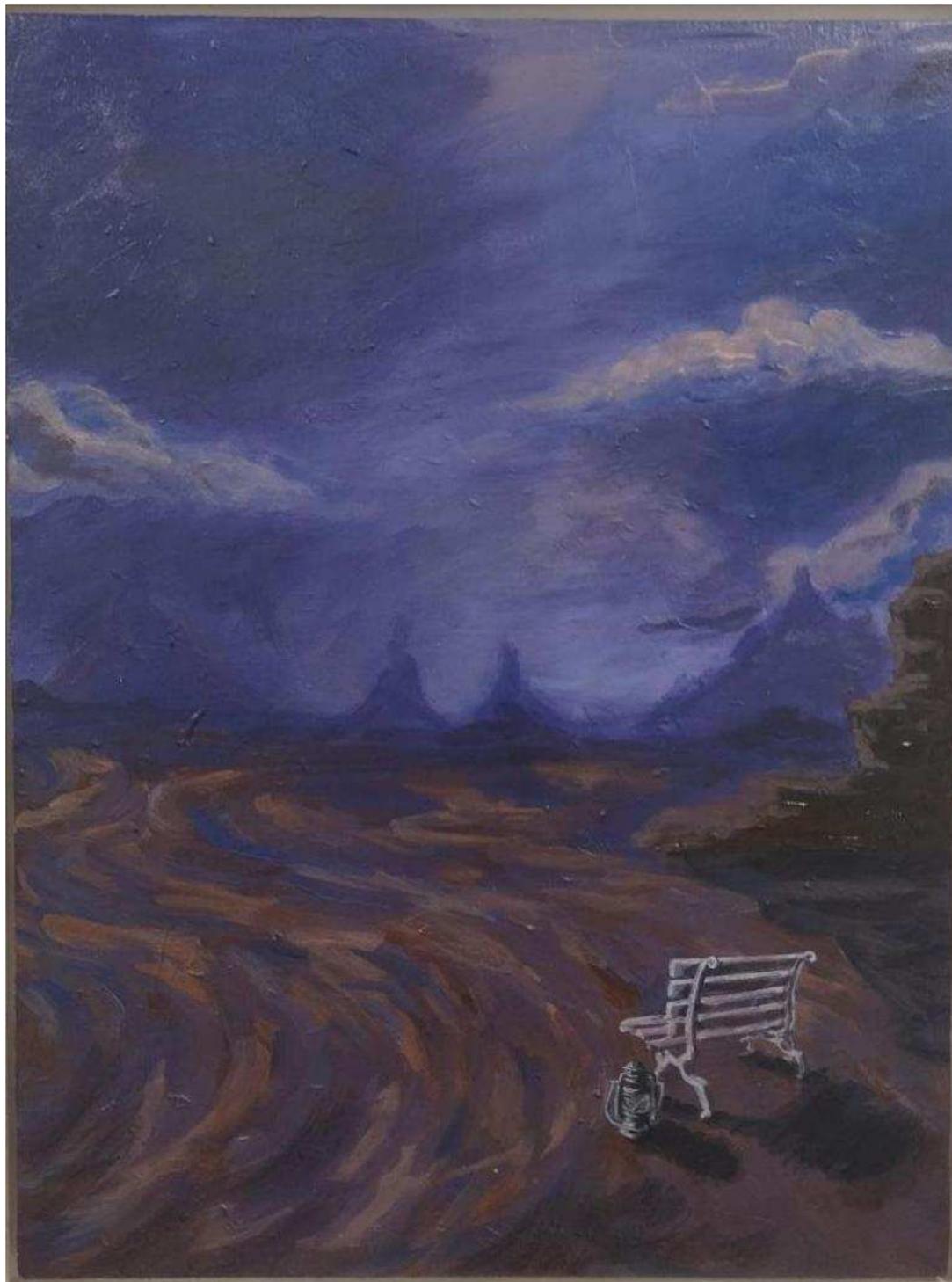
O quadro acima [Img 43] continua com a premissa do anterior, onde uma figura adulta mantém uma criança pequena acolhida em seus braços. Fitas neons (semelhantes a cortinas de fitas usadas em festas de aniversário) montadas em um poste no fundo, brilhantes e coloridas para servir de distração para o cenário desconcertante que existe no fundo. A criança aparenta estar dormindo ou

relaxada, segurando seu balão inflado, mesmo que esteja em uma posição aparentemente desconfortável. O adulto está sentado em outro tipo de mesa e cadeira de bar, porém o mesmo copo de bebida cor amarelo neon que os jovens do primeiro quadro tinham em mãos está agora em cima da mesa, junto de um livro de capa preta. Opções de passatempo para adultos que não são prioridades no momento. Entre o fundo e o primeiro plano, um muro incompleto de pedras corta o cenário, com um portão de ferro ainda de pé. Uma pessoa está pacientemente esperando do outro lado do portão, segurando uma sombrinha. Algumas pessoas precisam tentar manter alguma noção de normalidade por aqui.



Img 44: trabalho em progresso (“Ode ao Presente”).

A adição das fitas neon e o balão inflado vermelho trazem cores mais marcantes para o plano pictórico, com a intenção de desviar a atenção do espectador de tudo que está acontecendo ao redor para os itens de decoração de festa. O nosso olhar fica preso em uma leitura circular que percorre o balão, os dois personagens em primeiro plano, e as fitas no fundo. Talvez seja por isso que ninguém notou ou foi abrir os portões para a figura do fundo entrar.



Img 45: "Ode ao Esquecimento". Acrílica s/ madeira, 30 x 40 cm. 2023.

Em "Ode ao Esquecimento" [Img 45], temos a já estabelecida e perigosa paisagem de sempre. Nenhuma presença humana, apenas um banco de praça e uma lamparina antiga, com o horizonte em sua frente. Até o momento, não paramos para observar a devastação, e apenas ela, de frente. Há o banquinho

disponível para que sentemos e observemos, nos convidando a deixar a lamparina da busca de soluções no chão e absorver a realidade. Encarar o que está acontecendo, meditar e encontrar a serenidade e aceitação. Esquecer a busca. Aprender a ficar submerso por um tempo.



Img 46: primeira tentativa de “Ode ao Esquecimento”.

Inicialmente eu tinha uma composição específica em mente, com estudo feito no caderno, e o ambiente tinha uma caixa de correios antiga, cartas amassadas em bolinhas de papel, aviõezinhos de papel e um calendário de 2024 caído no chão. Mas na medida em que ia adicionando, a pintura ia ficando mais e mais atolada de mensagens (exatamente do mesmo jeito que a área em volta da caixa de correios do quadro) e não me agradou nem um pouco. Cogitei deixar apenas a cena crua, como se fosse uma paisagem abstrata, mas no final optei por adicionar um banco de praça branco e uma lamparina no espaço pictórico. O item

principal na cor branca faz ponte aos itens dos quadros anteriores (o bambolê, a corda do balão, e a trilha da amarelinha no chão), que também foram feitos na cor branco de titânio.

A ideia da caixa de correios e os papéis amassados em volta é uma que guardei dentro da minha caixinha mental para ser usada em outra oportunidade.



Img 47: a paisagem sem nenhum elemento extra.

No “Ode ao Esquecimento”, as cores estão mais dessaturadas e escuras. Na ausência da presença humana, o que existe é apenas esse cenário desolador e escurecido. Apesar disso, as pinceladas do chão estão seguindo certa ordem, como se fosse um início de reorganização natural. Nossos olhos naturalmente se fixam na imagem do banco de praça, sem nenhum outro novo ponto de interesse pela superfície pictórica: estamos tão cansados de ver a mesma paisagem de novo e de novo que buscamos um ponto de conforto, uma imagem familiar. Como se nos negássemos a parar e observar a realidade.



Img 48: “Estudo para o Esquecimento”. Acrílica s/ tela, 16 x 20 cm. 2023.

O “Estudo para o Esquecimento” surgiu de uma tentativa de adicionar um aviãozinho de papel a algumas pinturas diferentes. Mas nos estudos que fiz, não achei que caberia em nenhuma outra composição, por se tratar de uma imagem que carrega tanto significado por si só. Na minha opinião teria um excesso de informações na superfície pictórica, e apesar de não me opor a esse tipo de construção, não era o que eu estava buscando nessa série. De alguma forma, eu queria utilizar essa imagem. O mini quadro foi feito todo com variações de saturação de violeta permanente, a mesma cor que utilizei para fazer os céus do Ato 2.



Img 49: páginas de estudo sobre o aviãozinho de papel, 2023.

Durante toda a minha vida, eu sempre escrevi cartas com desenhos para todas as pessoas que eu me importava, mas eu raramente enviava ou entregava em mãos. Algumas vezes, eu as guardava em uma gaveta do meu quarto e acabava esquecendo delas. Depois de algum tempo, ao retornar para a gaveta, muitas vezes eu nem lembrava para quem determinadas cartas ou bilhetes eram, e na maioria das vezes acabava jogando tudo fora, amassando ou fazendo aviõezinhos de papel. Como eu não fazia um bom trabalho de dobra, a aerodinâmica do avião sempre saía prejudicada. Então meus aviões não voavam muito, às vezes sequer voavam.

Pelo menos agora, nas minhas pinturas, eu consigo fazer aviõezinhos que podem voar livremente.



Img 50: "Ode à Memória". Acrílica s/ madeira, 30 x 40 cm. 2023

Depois de todos os quadros anteriores mostrarem a sociedade seguindo em frente, o quadro "Ode à Memória" [Img 50] traz o primeiro respiro da natureza de volta. Galhos tímidos começam a subir por dentro da carcaça de carro parado no meio do cenário devastado. O fundo ainda abriga as montanhas estéreis, porém a extensão de chão, que antes eram manchas soltas, dessaturadas e desordenadas, agora formam padrões mais coloridos, orgânicos e contínuos, como rios ou estradas no meio do deserto. A construção pictórica do quadro traz uma leitura circular, remetendo à essa roda da vida: a partir do carro abandonado, nossos

olhos sobem pelo poste, percorrendo toda a sua superfície. Ao descermos o olhar, há um caminho bem sutil pelo céu que desce em direção das plantinhas saindo de dentro do carro, e o nosso olhar retorna ao movimento circular.

O título do quadro remete à minha própria infância: o carro (inclusive a cor utilizada também) que retratei é um Chevrolet Chevette 75, modelo que meu pai tinha quando eu e meus irmãos éramos crianças. E curiosamente, por problemas de manutenção, o carro ficou seus últimos anos parados em sua vaga de estacionamento onde, com o tempo, gramas e ervas daninhas cresceram em volta das rodas.



Img 51: o Chevette do meu pai, carinhosamente apelidado de “gema de ovo”.

Tematicamente, as composições pictóricas deste final do Ato 2 vão perdendo o ar onírico, abrindo espaço para elementos concretos de realidade que voltam a tomar posições de destaque no espaço pictórico, ainda que em ambientes inusitados.

Fechamos então essa parte com um poema de Alberto Pucheu, que corrobora um sentimento muito parecido com os quadros apresentados:

DE PRÊMIOS, ARMADILHAS E OUTRAS COISAS, Nº 2

E não adianta pensar em se entregar ainda mais à vida, largar o
emprego medonho, realizar o antigo sonho
de ser o que se acredita ser,
achando resolvido todo e qualquer problema. Não,
não adianta: não somos a solução embolsada,
mas isso de que jamais escapamos
na busca do impossível horizonte. Somos a vida
estendida entre o chão e o abismo,
as variações aleatórias que ela mesma, a vida,
nos distribui em prêmios e armadilhas, a velocidade com a
qual, aturdidos, nunca nos acostumamos.
Não, não adianta pensar em se entregar ainda mais à vida
supondo baixo o preço a ser pago,
mas de receber o que nos é a nossa revelia.
Desconhecemos a salvação. Acabamos
nos lançando sim, a uma intensidade maior,
e, desprotegidos, sob o risco constante
de você só tornará as coisas piores,
sob o risco constante do malogro,
não vivemos da melhor maneira: mas da maneira possível.
(PUCHEU, 2007, p. 257)

2.4. Ato 3: A humanidade esteve aqui

O que temos agora em destaque no Ato 3 é a ausência da humanidade. A presença humana deixou para trás apenas resquícios da sua passagem: objetos que tiveram uma importância imensa em determinado momento, itens que foram construídos, usados, mas sua importância se perdeu ao longo do tempo. E atualmente são apenas monumentos, ícones que vivem na memória graças a fotos ou lembranças compartilhadas em conversas. Para nós, esses itens remetem a um passado não muito distante, porém, ao mesmo tempo, a uma vida inteira de distância.

Há também uma questão pessoal de nostalgia e apego aos três itens que decidi retratar nesse último ato, pois fizeram parte do meu cotidiano de infância nos anos 90 e povoam boa parte das minhas lembranças mais queridas. O orelhão, que era essencial para comunicação fora de casa em uma era pré-celulares, para fofocar, xavecar (apesar de eu ser muito nova pra essa vertente de atividade), passar trote e outras atividades duvidosas, mas igualmente divertidas que não poderiam ser feitas dentro de casa. A banca de jornal que, no momento em que eu tive alguma autonomia e independência para andar sozinha na volta pra casa da escola se transformou no meu ponto de referência, sendo o primeiro lugar fora dos que já tinha acesso em que fiz uma amizade cordial com uma pessoa desconhecida, o moço da banca, por conta própria. E por último a estátua de São Judas Tadeu, que remete à mesma época da infância. Apesar de não ser religiosa atualmente, eu tenho um *background* católico, tendo estudado em colégio de freiras a maior parte da minha infância. Hoje em dia eu tenho respeito e carinho por todas as experiências religiosas que tive na infância, e um dos santos que eu continuo tendo um maior apreço é São Judas Tadeu, o santo das causas impossíveis. Na igreja dele, no Cosme Velho, há uma gruta que sempre visitava com a minha mãe. Ao se aproximar da estátua, que fica no centro da gruta, somos tomados pelo calor das várias velas acesas ao redor. Eu achava tudo muito mágico e místico.

Os três quadros juntos são uma tentativa de conjurar um ambiente coletivo de pracinha de bairro que pessoalmente nunca tive, mas sempre vi ao longe, onde os vizinhos se juntavam nas tardes quentes em um só lugar para socializar e

conversar. Uma tentativa de trazer a presença humana de volta, mesmo que só existam rastros dela nesse mundo. Podemos olhar esse Ato 3 e realmente dizer “É, a humanidade esteve aqui, de fato.” e lembrar do célebre livro de Georges Didi-Huberman *Sobrevivência dos vagalumes* (2011) que nos diz:

Mas como os vaga-lumes desapareceram ou “redesapareceram”? É somente aos nossos olhos que eles “desaparecem pura e simplesmente”. Seria bem mais justo dizer que eles “se vão”, pura e simplesmente. Que eles “desaparecem” apenas na medida em que o espectador renuncia a segui-los. Eles desapareceram de sua vista porque o espectador fica no seu lugar que não é mais o melhor lugar para vê-los. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 47)



Img 52: "A humanidade esteve aqui: telefonia". Acrílica s/ tela, 60 x 90 cm. 2023.

Um orelhão [Img 52], ícone de comunicação de várias gerações passadas, perdido no meio da mata fechada, com seu fone pendurado. Alguma tentativa de comunicação e conexão aconteceu, mas não sabemos quando isso aconteceu, ou se foi bem sucedida, dada as circunstâncias do mundo em que estamos explorando. As pinceladas nesse quadro variam entre completamente soltas no fundo e

detalhadas nas folhagens do primeiro plano. A variação dos tons de verde foi um alívio para meus olhos, tão acostumados com os violetas do ato anterior e ainda presente nessa série, mas agora em segundo plano de importância. Para a montagem da composição, utilizei uma foto autoral que tirei de um orelhão que fica no campus da UFBA.

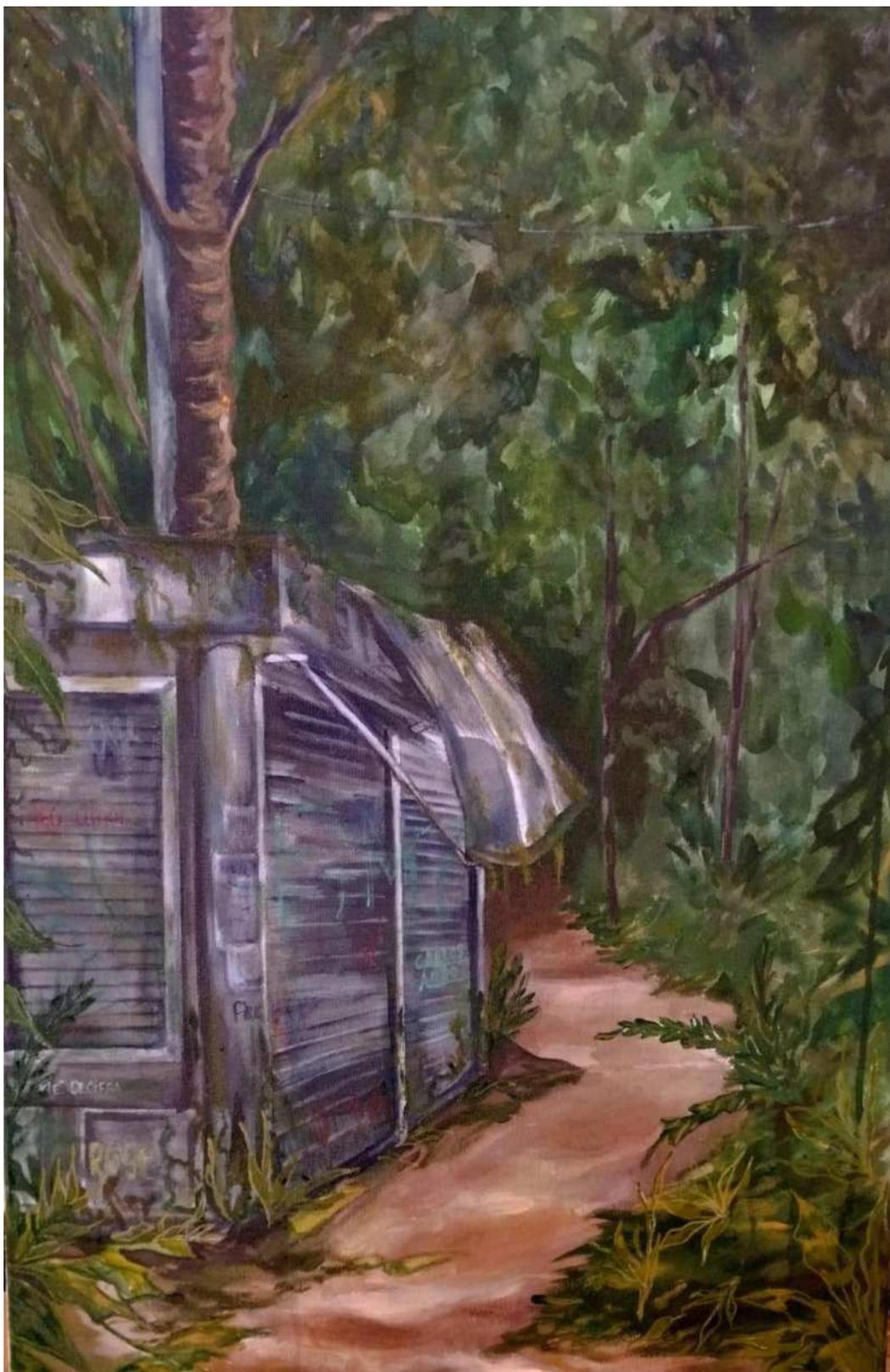


Img 53: "Plantão ao vivo". Carcaça plástica de tv, tinta acrílica e espada de Santa Bárbara. 2022.

Uma carcaça de aparelho de tv antigo com uma planta viva (uma espada de Santa Bárbara) crescendo e passando pelo teto [Img 53]. Eu sempre quis fazer uma obra que envolvesse uma televisão de verdade, e aproveitei a *vibe* onírica do período em que estava produzindo algumas das obras dessa série para trazer essa visão para o mundo real. O interior da televisão, antes todo cinza claro, foi pintado de cinza de payne, uma cor mais escura, para que o interior não fosse uma distração visual. As aberturas "naturais" da carcaça foram mantidas para que

alguma iluminação e ventilação natural pudessem entrar, e também funcionam como um interesse visual a mais para o ambiente interno. O vermelho aplicado na carcaça foi escolhido para produzir contraste com o verde, deixando a planta mais em evidência. Originalmente eu tinha pensado em colocar muitas plantas dentro da carcaça, mas por inúmeros desafios com relação a isso, optei por apenas manter uma única planta que fosse resistente a longos períodos sem luz e água, e que fizesse o olhar subir e atravessar a área normal de visualização, remetendo também a uma antena de tv. A Espada foi uma opção óbvia, mas a variante Santa Bárbara foi a escolha estética ideal por causa da adição das faixas amareladas nas pontas das folhas.

Essa obra foi exposta pela primeira vez na exposição Primavera Tua, trazida pelo coletivo Imaginário Periférico para o Espaço Travessia, galeria no Instituto Nise da Silveira, em 2021.

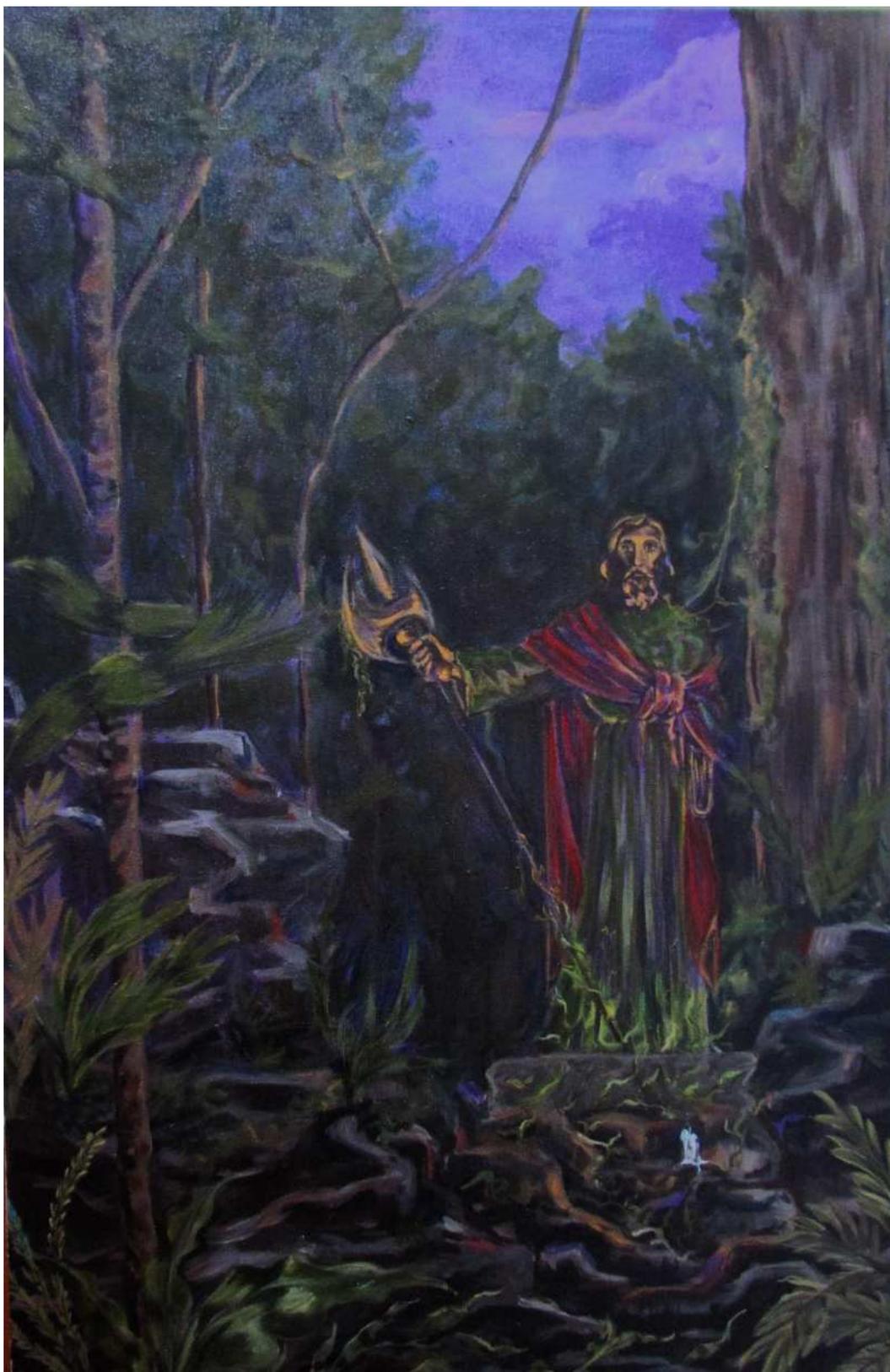


Img 54 “A Humanidade esteve aqui: periódico”. Acrílica s/ tela, 60 x 90 cm. 2023.

No segundo quadro [Img 54], temos uma banca de jornal perdida no meio do mato, mas diferente do quadro anterior, há um caminho aberto de chão batido que atravessa todo o espaço pictórico e nos leva até o fundo, mata adentro. Leves

musgos que caem do toldo de metal que se pendura na frente da banca, as pichações já desbotadas nas paredes externas e uma árvore comprida que cresceu entre a banca e um poste de luz nos dão ideia de quanto tempo já se passou.

Em se tratando de técnica, esse quadro é o mais aguado de toda a série. Queria experimentar com manchas que remetessem a aquarela, e tentei não utilizar muito a acrílica com pinceladas carregadas de tinta, só para ver se conseguiria. A dificuldade de trabalhar com a variante aguada da tinta acrílica foi um desafio revigorante, e pretendo explorar essa técnica com mais tranquilidade em obras futuras. Esse quadro foi concluído em apenas duas sessões.



Img 55: "A Humanidade esteve aqui: espiritualidade". Acrílica s/ tela, 60 x 90 cm. 2023.

No último quadro [Img 55] temos uma estátua de São Judas Tadeu, o santo das causas impossíveis, entre pedras e árvores. Nos pés da estátua vemos uma

tímida vela, mais um rastro de presença humana: mais uma tentativa de conexão, só que dessa vez, espiritual. Vimes sutis e delicados se desprendem da árvore, como se estivessem sendo atraídos pela energia da estátua, imponente e solitária no meio da vegetação densa como se fosse um *checkpoint* espiritual de alguém que estivesse caminhando sem rumo pela mata.



Img 56: trabalho em progresso (“A Humanidade esteve aqui: espiritualidade”).

Para a montagem da composição deste quadro, eu utilizei fotos de arquivo da internet de florestas, vegetações e pedras diversas, e a estátua foi baseada em uma foto que tirei da estátua que há na gruta de São Judas. Quis usar essa imagem em específico porque em todas as iconografias do santo (de fotografias de

celebrações envolvendo a estátua dele às imagens de “santinhos”, os papéis que contém sua oração), ele está com a arma ereta e em uma posição como se fosse um soldado. A diferença da imagem da gruta é exatamente essa: ele segura a arma em uma posição mais relaxada, mais distante do seu corpo, em uma leitura mais amigável, mas igualmente imponente. E a pele do santo tem uma aplicação de ouro envelhecido, onde as únicas áreas pintadas são suas túnicas.

Como eu já disse no início dessa jornada, o fim dos tempos não é uma parada brusca, não há mais uma ideia de fim hegemônico que arrebatava tudo de uma vez só. O fim vai chegando aos poucos, como se fossem ondas do mar. O mesmo se aplica aqui: trouxe apenas uma observação de movimento natural do ser humano e da natureza. No final, a jornada que assistimos aqui não é a do herói, nem de alguém em específico. É a jornada da humanidade, e a sua resistência apesar de todos os muitos percalços. É a jornada da vida, da resiliência, mudança e do tempo.

Às vezes nos encontramos no meio de tudo, no olho do furacão, desorientados. Apesar disso, nós precisamos continuar. E mesmo quando não estivermos mais aqui, a nossa passagem deixa nossa marca, muitas vezes trágica, mas na maioria das vezes poética. A nossa marca mostra que passamos sim por aqui, e que apesar de muitas vezes termos falhado, o mais importante é que tentamos e deixamos rastros de nossas histórias, diante dos inexoráveis fins e do inevitável esquecimento. Fiquemos com Ana Martins Marques:

Você se aplica no cultivo
mas por mais planejado que seja
todo jardim é imprevisível
algumas plantas pegam e outras não
aquela pela qual não dávamos nada
tornou-se exuberante
outra fomos obrigados a cortar
porque impedia que chegasse o sol

pouco a pouco fomos ajustando o jardim
e o jardim ajustando-se a si mesmo
a seu tamanho, à disponibilidade da água e do sol

Um dia
abandonado
o jardim invadirá a casa
como a memória é invadida pelo esquecimento
das coisas que passaram. (MARQUES, 2019, p. 24)

3. CONCLUSÃO: Reparar os fins

O fim do mundo sempre foi algo que me atravessou de forma curiosa. Olhava para a possibilidade de viver um evento catastrófico com olhos de ansiedade positiva, como se estivesse prestes a viver uma cena de filme, ou como se fosse encontrar um ídolo, ou ainda, como se fosse um contato direto com o Sublime. Obviamente não tinha compreendido, com 15 anos ou menos, as dimensões trágicas que um “fim do mundo” de fato teria. Depois de anos romantizando o momento, eu sosseguei com essa obsessão e passei todo o início da minha vida adulta sem pensar muito profundamente no assunto. E então fomos atropelados por 2020 e todo o caos que vivemos era muito próximo do fim de tudo, o mais próximo e real até então. E aos poucos a ficha foi caindo dentro de mim que caso algo mais devastador nos arrebatasse, eu não saberia o que fazer. Naquele momento, eu já não sabia o que fazer. Acho que foi por isso que inconscientemente comecei a fazer o primeiro Ato. Com a desculpa de buscar tranquilidade, estava me fechando dentro de mim mesma, com medo, tentando ignorar tudo que estava acontecendo. Foi extremamente importante continuar com essa pesquisa, para que eu não me fechasse dentro de mim, tanto com relação à técnica, quanto com relação à vida em si.

Eu mencionei brevemente que aos 15 anos, minha mãe tinha me colocado em um curso livre de pintura à óleo “para acalmar meus nervos”, porque eu era uma adolescente muito angustiada, mais do que minha mãe estava preparada para lidar. Ela resolveu me deixar nas mãos da Musa das Artes já que, de qualquer forma, eu sempre estava desenhando em qualquer oportunidade que eu tivesse. Então graças a esse curso livre, eu associei o ato de pintar (e de quebra, a técnica pintura à óleo) com uma atividade de trancamento de emoções, algo que eu fazia pra desassociar da realidade, pintando paisagens bucólicas e coisas que eu sabia que agradaria a todos. Eu ainda tenho certa resistência a utilizar óleo (tanto que nessa produção inteira, apenas o primeiro quadro foi feito nessa técnica), mas a minha relação com a pintura de um modo geral amadureceu muito e agora reconheço diferentes técnicas como sendo as minhas favoritas, sendo a acrílica a vencedora de um jeito avassalador. Quanto ao óleo... Ainda temos que trabalhar a

nossa relação, mas eu não vejo mais o ato de pintar como algo que eu fazia no automático, desassociando da realidade. Agora eu estou aqui, presente. Eu e a tela.

Esse pode ser o fim do meu TCC, mas com certeza não é o fim da minha jornada, agora aberta a um novo horizonte, que, como nos disse Didi-Huberman, “como seu nome indica, em grego, é ao mesmo tempo a abertura e o limite da abertura que define ora um progresso infinito, ora uma espera” (HUBERMAN, 2011, p.87)

4. A EXPOSIÇÃO



Img 57: convite do evento.

Desde o momento em que conheci o Centro de Artes Calouste Gulbenkian, graças à exposição Emaranhados, que aconteceu em Setembro de 2023, com a curadoria da professora Cláudia Lyrio e do meu orientador Julio Sekiguchi, meu sonho foi trazer a minha exposição para o esse espaço. Mas naquele momento era apenas uma ideia, um sonho de algum dia conseguir expor ali. A rota certa para terminar a graduação de Pintura seria a Galeria Macunaíma, que fica dentro do Pamplonão, mais pelo simbolismo e a ideia de fechamento de ciclos. Infelizmente para mim, não havia mais disponibilidade de utilizar a Galeria Macunaíma no período que eu tinha em mente, e então resolvi entrar em contato com o Calouste, só por curiosidade. Para a minha surpresa, havia disponibilidade para a minha exposição, porém a única disponível era a maior, a Galeria Ismael Nery, o que requeria um planejamento mais cuidadoso com relação aos trabalhos que eu planejava expor. Eu tinha em mente utilizar a galeria menor, a Galeria Calouste, que conheci graças à exposição da professora Lourdes, que teve trabalhos expostos no mesmo período que a Emaranhados. A quantidade de quadros que eu tinha

produzido para o TCC originalmente completava o menor espaço de um jeito ideal. Mas agora eu poderia adicionar mais algumas pinturas e obras extras, como o “Plantão Ao Vivo” e uma parede inteira de páginas dos meus cadernos de estudos, para que um pouco do meu processo pudesse ser acompanhado pelos visitantes, o que não seria possível no espaço menor.



Img 58: estudos para os quadros “Ode ao esquecimento” e “A Humanidade esteve aqui: periódico”.



Img 59: estudos em xilogravura e bico de pena.



Img 60: caderno utilizado para mapear a paleta que utilizei nos três atos.

Como haviam dois quadros que participam dessa série e que simultaneamente estavam em exposição com a Bienal da EBA, depois de uma reunião de emergência com Julio, concordamos com a impressão dos quadros faltantes para que a composição não ficasse prejudicada.



Img 61: as duas impressões dos quadros expostos na Bienal da EBA.



Img 62: destrinchando meus cadernos de estudo para montagem nos displays.

Todos os meus cadernos que tinham estudos, pinturas e escritos que fiz durante a produção da série foram destrinchados e reorganizados (ajudou bastante o fato de que a maioria dos meus cadernos são artesanais e costurados à mão por mim) para mostrar um pouco do processo de composição da maioria das obras da série.

Não há estudos para todos os quadros que fiz, pois algumas vezes eu me empolgava com alguma ideia e já partia para pintar com a inspiração e a imagem já em mente (exemplos: Ode ao Passado e Telefonía). O processo da maioria dos quadros foi feito com a ajuda de papel manteiga, e decalcado no suporte com ajuda de papel carbono.

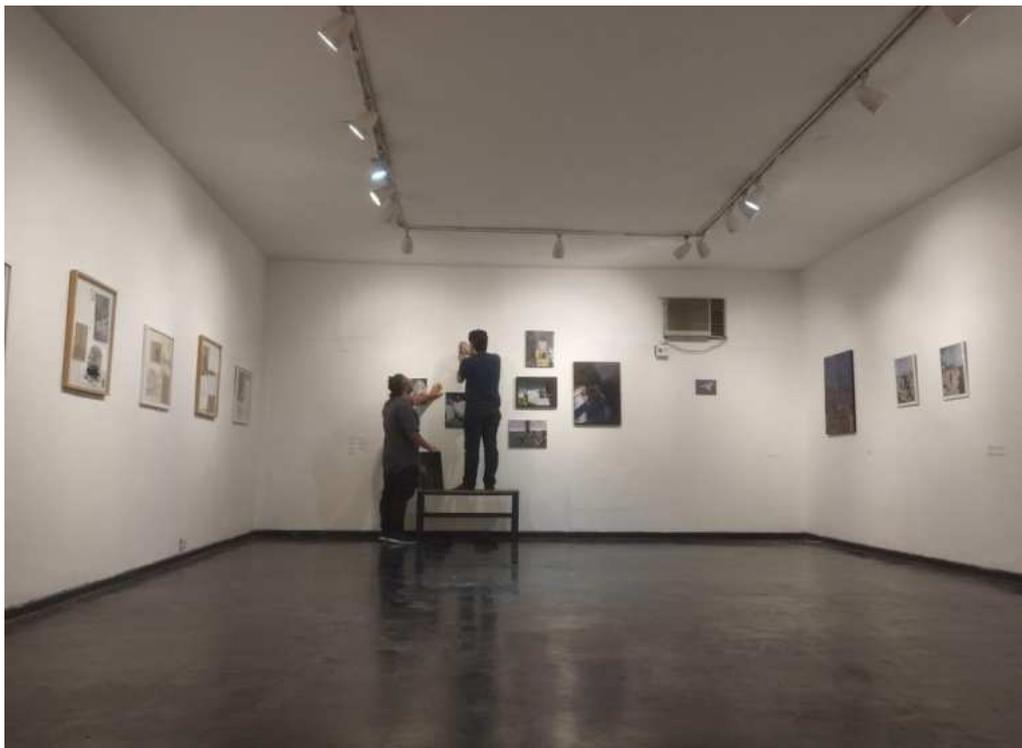


Img 63: primeiro dia de montagem 03/01/2024.

No primeiro dia de montagem, eu tinha a ideia de posicionar os quadros nos espaços para possivelmente adicionar adesivos com os poemas que mais me inspiraram nos espaços que abrissem. Então eu e meu namorado Fábio trabalhamos no primeiro fazendo o posicionamento dos quadros, e acabamos pregando todos os quadros da parede da esquerda (os quadros com os estudos).



Img 64: primeiro dia de montagem 03/01/2024.

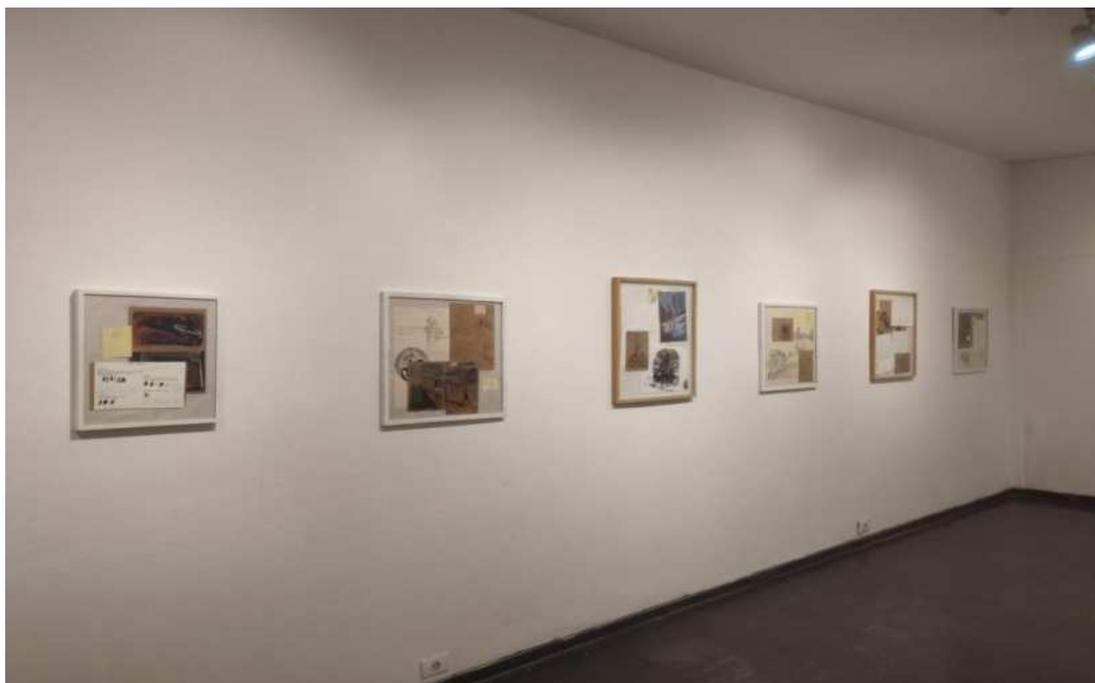


Img 65: segundo dia de montagem 04/01/2024.

No segundo dia, como havia mais quadros para pregar, pedi ajuda do meu irmão Felipe na montagem. Neste dia também recebi ajuda de Cláudia Lyrio, que trouxe insights e propôs uma disposição diferente dos quadros na parede principal e na área do Ato 3, com os três quadros maiores e o plantão ao vivo. Eu estava ligeiramente perdida com vários pormenores, e Cláudia me ajudou em várias áreas da minha exposição, do layout dos quadros na galeria, passando por detalhes do convite e também como fazer a ficha técnica com o texto da exposição, que foi feito pelo Fábio.



Img 66: segundo dia de montagem: Fábio, Cláudia e Felipe 04/01/2024.



Img 67: a parede da esquerda com meus cadernos de estudos.



Img 68: paredes central e da direita com os quadros do primeiro e segundo atos.

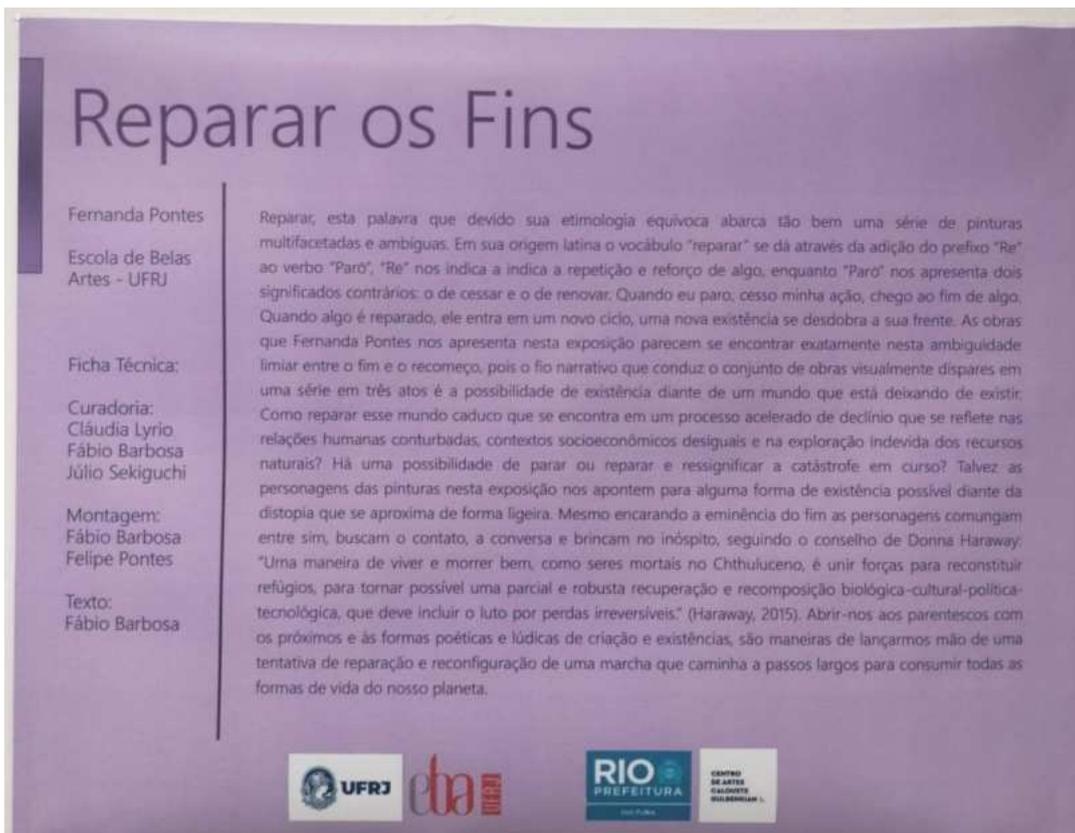


Img 69: obras do Ato 3 na parede paralela à entrada.



Img 70: display com os livros de poesia que me inspiraram e o texto da exposição.

O espaço próximo da parede de vidro da entrada ficou aberto para que o texto da exposição pudesse ser colado à parede, e aproveitei que abaixo do texto ainda havia um espaço e pedi o display horizontal que eles têm disponível para colocar alguns dos livros de poesia que utilizei na produção da série.



img 71: o pôster com o texto para a exposição.



Img 72: vista do lado de fora da porta de entrada - Galeria Ismael Nery.

Texto de Fábio Barbosa para a exposição Reparar os Fins:

Reparar, esta palavra que devido sua etimologia equívoca abarca tão bem uma série de pinturas multifacetadas e ambíguas. Em sua origem latina o vocábulo “reparar” se dá através da adição do prefixo “Re” ao verbo “Parō”. “Re” nos indica a repetição e reforço de algo, enquanto “Parō” nos apresenta dois significados contrários: o de cessar e o de renovar. Quando eu paro, cesso minha ação, chego ao fim de algo. Quando algo é reparado, ele entra em um novo ciclo, uma nova existência se desdobra à sua frente. As obras que Fernanda Pontes nos apresenta nesta exposição parecem se encontrar exatamente nesta ambiguidade limiar entre o fim e o recomeço, pois o fio narrativo que conduz o conjunto de obras visualmente díspares em uma série em três atos é a possibilidade de existência diante de um mundo que está deixando de existir. Como reparar esse mundo caduco que se encontra em um processo acelerado de declínio que se reflete nas relações humanas conturbadas, contextos socioeconômicos desiguais e na exploração indevida dos recursos naturais? Há uma possibilidade de parar ou reparar e ressignificar a catástrofe em curso? Talvez as personagens das pinturas nesta exposição nos apontem para alguma forma de existência possível diante da distopia que se aproxima de forma ligeira. Mesmo encarando a iminência do fim as personagens comungam entre si, buscam o contato, a conversa e brincam no inóspito, seguindo o conselho de Donna Haraway: “Uma maneira de viver e morrer bem, como seres mortais no Chthuluceno, é unir forças para reconstituir refúgios, para tornar possível uma parcial e robusta recuperação e recomposição biológica-cultural-política-tecnológica, que deve incluir o luto por perdas irreversíveis.” (Haraway, 2015). Abrir-nos aos parentescos com os próximos e às formas poéticas e lúdicas de criação e existências, são maneiras de lançarmos mão de uma tentativa de reparação e reconfiguração de uma marcha que caminha a passos largos para consumir todas as formas de vida do nosso planeta. (SILVA, 2024)



Img 73: dia da abertura 05/01/2024.



Img 74: Professora Cláudia Lyrio.



Img 75: amigos e familiares no dia de abertura.



Img 76: amigas do atelier: Rayane, Clarinha, Iolanda.



Img 77: debates.



Img 78: debates 2.



Img 79: minha família, da esquerda: Felipe, Laura, Fábio, eu, Stela Maris, Fábio, Helio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Trad. Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Ed. 34, 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vagalumes*. Trad: Vera Casa Nova, Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HATCH, Evie. “Sobre os impressionistas e os pigmentos violáceos”. Disponível: <https://www.instagram.com/reel/C1clyeiNEBT/?igsh=MW9oaGJ0NmR3M2dtYg%3D%3D>. Acesso em: 14/03/2024.

HORÁCIO. *Epistola ad Pisones*. Disponível: <http://www.letras.ufmg.br/padrao/cms/documentos/eventos/vivavoz/Epistula%20ad%20Pisones.pdf>. Acesso em: 14/03/2024.

MARQUES, Ana Martins. *Da arte das armadilhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MARQUES, Ana Martins. *O livro das semelhanças*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARQUES, Ana Martins. *O livro dos Jardins*. São Paulo: Editora Quelônio, 2019.

OLIVEIRA, Danilo. “Por que enxergamos somente as cores entre o vermelho e o roxo”. Disponível: <https://olhardigital.com.br/2023/11/05/medicina-e-saude/por-que-enxergamos-somente-as-cores-entre-o-vermelho-e-o-violeta/>. Acesso em: 14/03/2024.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2014.

PUCHEU, Alberto. *A fronteira desguarnecida (poesia reunida 1993 – 2007)*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

SALLES, Cecilia Almeida. *Gesto inacabado*. São Paulo: Intermeios, 2011.